



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LUCIANA RENATA DOS SANTOS VIEIRA

**DESCRIÇÃO DE ORAÇÕES COMPLEXAS EM PARKATÊJÊ: COORDENAÇÃO E
*SWITCH-REFERENCE***

Belém
2018

LUCIANA RENATA DOS SANTOS VIEIRA

**DESCRIÇÃO DE ORAÇÕES COMPLEXAS EM PARKATÊJÊ: COORDENAÇÃO E
*SWITCH-REFERENCE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (PPGL/ILC/UFPA), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Área de concentração: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientadora:

Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira.

Belém
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

V657d Vieira, Luciana Renata dos Santos
Descrição de orações complexas em Parkatêjê : coordenação e
switch-reference / Luciana Renata dos Santos Vieira. — 2018.
99 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras,
Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará,
Belém, 2018.

1. Coordenação. 2. Switch-reference. 3. Línguas Timbira. 4.
Parkatêjê. I. Título.

CDD 410

LUCIANA RENATA DOS SANTOS VIEIRA

**DESCRIÇÃO DE ORAÇÕES COMPLEXAS EM PARKATÊJÊ: COORDENAÇÃO E
*SWITCH-REFERENCE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (PPGL/ILC/UFGA), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Área de concentração: Análise, descrição e documentação das línguas naturais.

Orientadora:

Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira.

Data de aprovação: 21/06/2018

Banca Examinadora:

_____ - Orientador
Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira
Professora Doutora em Linguística (UFGA)

_____ - Examinador externo
Antônia Alves Pereira
Professora Doutora em Linguística (UFGA)

_____ - Examinador interno
Sidney da Silva Facundes
Professor Doutor em Linguística (UFGA)

_____ - Suplente externo
Rosane Sá Amado
Professora Doutora em Linguística (USP)

Belém
2018

Aos Parkatêjê, pelos valiosos ensinamentos. Em especial, ao querido professor Xôntapti (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela misericórdia em todos os momentos.

Ao povo Parkatêjê pelo carinho e recepção em cada visita, especialmente aos meus queridos professores da língua: Krowapeire, Japênprãmti, Xôntapti, Pôjarêtêti e Nākôti.

Ao amor incondicional da minha família e do apoio de “toda família Batista” durante essa trajetória.

À minha orientadora Marília Ferreira, pela generosidade constante, por sua paciência comigo em momentos delicados. Agradeço por ter me apresentado um novo universo, nestes últimos sete anos, certamente foram os mais desafiadores e não menos fortalecedores.

Agradeço às professoras Ana Paula Brandão e Vilacy Galúcio, pela indicação de importantes referenciais teóricos que contribuíram significativamente para o estudo das coordenadas.

À professora inspiradora Marília Freitas, pelos aprendizados durante a graduação e o estágio-docência no mestrado. É simplesmente brilhante a forma como você ensina e orienta seus alunos.

Aos professores Sidi Facundes e Antônia Pereira, pelos apontamentos e contribuições durante a qualificação deste trabalho.

Aos queridos professores do curso de Mestrado em Linguística, por cada aula ministrada. Em especial, às professoras Fátima Pessoa, Marília Ferreira, Gessiane Picanço e Ivânia Neves.

Ao professor Luís Heleno Montoril, pela disponibilidade de ajudar como coordenador das bolsas do mestrado.

Às minhas queridas amigas pesquisadoras Nazaré Moraes, Tereza Lopes, Sindy Ferreira, Jaqueline Reis e Gabriela pelo apoio acolhedor em diversas situações.

Ao grupo de pesquisadores (as) da língua Parkatêjê, pelo apoio e torcida.

Aos meus preciosos amigos de fé Well Rocha, Samuel Ribeiro e Jhenny Borcem.

Às minhas doces alunas Liz, Dóris e Letícia, pelo aprendizado mútuo e horizontal.

À Dona Maria e Seu Sena, pelo acolhimento tão generoso.

À FAPESPA, pelo apoio financeiro concedido e ao PPGL, pelo trabalho e apoio financeiro em eventos acadêmicos.

Aos profissionais de saúde do meu bairro, pelo atendimento clínico e psicológico. Especialmente, às médicas Camila e Luciane pelo acompanhamento minucioso de cada paciente.

Ao meu namorado Blen, *mi hermano*, por ser capaz de transmitir a paz de uma leveza tão singular, pelos chás de erva cidreira mais oportunos e pela paciência nas minhas longas ausências.

A todos, minha gratidão, respeito e admiração.

Há um saber perfeitamente articulado, pelo qual, falando propriamente, nenhum sujeito é responsável. O inconsciente (LACAN, 1992, p. 73). Nem individual, nem coletivo. O mundo: pode-se dizer com os indígenas. Desde que passa a existir, é marca corporal no terceiro, e acaba desaparecendo. Tudo está bem articulado em diversas histórias. Perder o sujeito é a que se dedica um ensino que é potência (ALMEIDA, 2012, p. 7).

RESUMO

A língua indígena Parkatêjê, pertencente ao Tronco Macro-Jê, família Jê e complexo dialetal Timbira, é falada pelo povo Parkatêjê, o qual vive na Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), na cidade de Marabá, no sudeste do Pará. O processo de articulação de orações coordenadas da língua em questão foi descrito inicialmente por Ferreira (2003), que verificou o mecanismo de *switch-reference* por meio da ocorrência de duas conjunções específicas *nã* e *mã*, uma para o sujeito idêntico (SS) e a outra para o sujeito diferente (DS), respectivamente. Esta dissertação descreve a coordenação entre sintagmas nominais e verbais em Parkatêjê e aponta para alguns fatos sobre a referida língua: (1) confirma-se que a língua apresenta *switch-reference* (FERREIRA, 2003); (2) confirma-se que uma forma homófona a *mẽ* ocorre como conjunção para coordenar sintagmas nominais e nomes em série (FERREIRA, 2003); (3) a ocorrência das conjunções *nã/mã* relativas ao fenômeno de *switch-reference* parecem não ser obrigatórias de acordo com a análise dos dados, ou seja, o mecanismo de justaposição (parataxe) também é utilizado pelos falantes. O aporte metodológico para o desenvolvimento dessa pesquisa seguiu etapas como pesquisa bibliográfica; trabalho de campo; transcrição e organização de dados linguísticos e análise/discussão dos dados coletados.

Palavras-chave: Coordenação. *Switch-reference*. Línguas Timbira. Parkatêjê.

ABSTRACT

The Parkatêjê indigenous language, belonging to the Macro-Jê, the Jê family and the Timbira dialect complex, is spoken by the Parkatêjê people, who live in the Mãe Maria Indigenous Reserve (MMIR) in the city of Marabá, south of Pará. The process of articulating coordinated sentences of the language in question was initially described by Ferreira (2003), which verified the switch-reference mechanism by means of the occurrence of two specific conjunctions *nã* and *mã*, one for the identical subject (SS) and the other for the co-ordinated sentence of the language in question different subject (DS), respectively. This dissertation describes the coordination between nominal and verbal phrases in Parkatêjê and points to some facts about the language: (1) it is confirmed that the language presents switch-reference (FERREIRA, 2003); (2) it is confirmed that a homophone form a *mẽ* occurs as a conjunction to coordinate noun phrases and names in series (FERREIRA, 2003); (3) the occurrence of the *nã/mã* conjunction of the switch-reference phenomenon does not seem to be mandatory, according to the data analysis, that is, the juxtaposition mechanism (parataxis) is also used. The methodological contribution for the development of this research followed steps like bibliographic research, fieldwork, transcription and organization of linguistic data and analysis / discussion of the data collected.

Key words: Coordination. Switch-reference. Timbira Languages. Parkatêjê.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização da RIMM	17
Figura 2 - Apresentação cultural dos Parkatêjê na XI Amostra Cultural Indígena	20
Figura 3 - Esquema das formas marcadas de conjunção	31
Figura 4 - Esquema das formas não-marcadas	35
Figura 5 - Classificação das línguas Jê de acordo com Rodrigues (1999)	52
Figura 6 - Esquema de coordenação monossindética do tipo A co-B em Parkatêjê no sintagma verbal	68

TABELA

Tabela 1 - Escala de integração gramatical das orações complexas.....	28
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pronomes livres e dependentes em Parkatêjê	22
Quadro 2 - Quadro revisado dos pronomes em Parkatêjê com ênfase na terceira pessoa	23
Quadro 3 - Conjunções coordenativas em Parkatêjê	24
Quadro 4 - Marcas de <i>switch-reference</i> em Parkatêjê	55
Quadro 5 - Principais fenômenos e conjunções na coordenação de línguas Jê do Norte	64
Quadro 6 - Conjunções em <i>switch-reference</i> (SS/DS) nas línguas Jê do Norte	65
Quadro 7 - Verbos de marcação não-canônica (S_{io})	74
Quadro 8 - Esquematização dos principais mecanismos de coordenação em Parkatêjê	87

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

1	Primeira pessoa do singular
1Enf	Primeira pessoa do singular enfática
1PIIncl	Primeira pessoa do plural inclusiva
1PIExcl	Primeira pessoa do plural exclusiva
2	Segunda pessoa do singular
A	Sujeito de verbo transitivo
Aum	Aumentativo
Conj	Conjunção
Dim	Diminutivo
DS	Sujeitos diferentes
Dub	Dubidativo
Enf	Ênfase
Erg	Ergativo
ErgPl	Ergativo Plural
Fut	Futuro
Ind	Indefinido
Instr	Instrumental
Int	Interrogativo
Lit.	Literalmente
Neg	Negação
Nom	Nominativo
Nomz	Nominalizador
O	Objeto direto
Onc	Objeto não-contíguo
Pas	Passado
PD	Partícula discursiva
Pl	Plural
S	Sujeito de verbo intransitivo
Sa	Sujeito de verbo ativo
Sio	Sujeito de marcação não-canônica
So	Sujeito de verbo descritivo
SOV	Sujeito- Objeto-Verbo
SS	Sujeitos idênticos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Algumas considerações sobre o povo Parkatêjê	16
1.2 Aspectos gerais da língua Parkatêjê	20
1.3 Metodologia da pesquisa	24
1.3.1 Aporte teórico	24
1.3.2 Pesquisa de campo e coleta dos dados	25
1.3.3 Análise e discussão dos dados	25
1.4 Trabalhos concluídos	26
1.5 Estrutura do trabalho	26
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	27
2.1 Construções coordenativas: principais conceitos e abordagens funcionalistas	27
2.1.1 A abordagem de Payne (1985)	30
2.1.2 A abordagem de Mithun (1989)	36
2.1.3 A abordagem de Haspelmath (2007)	40
3 COORDENAÇÃO EM ALGUMAS LÍNGUAS NATURAIS	44
3.1 Estudos sobre coordenação em diferentes línguas naturais	44
3.1.1 Língua Africana Swahili (Bantu)	44
3.1.2 Língua Indígena Asurini do Xingu (Tupi-Guarani)	45
3.1.3 Grego	48
3.1.4 Japonês	50
3.2 A coordenação em línguas Jê: conjunções e mecanismo de <i>switch-reference</i>	51
3.2.1 A família linguística Jê	51
3.2.2 Língua Mebengokre (Kayapó)	53
3.2.3 Língua Panará	53
3.2.4 Língua Parkatêjê (Timbira)	55
3.2.5 Língua Canela Apãniekrá (Timbira)	56
3.2.6 Língua Apinajé	57
3.2.7 Língua Krahô (Timbira)	58
3.2.8 Língua Kĩnsêdjê	60
3.2.9 Língua Tapayuna	62

4 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DAS ORAÇÕES COORDENADAS EM PARKATÊJÊ	66
4.1 <i>Switch-reference</i>	66
4.1.1 Coordenadas marcadas pela conjunção <i>nã</i> (SS) nos sintagmas verbais e verbos seriais	67
4.1.1.1 Coordenação entre sujeitos de verbos intransitivos (S)	68
4.1.1.2 Coordenação entre sujeitos de verbos transitivos (A)	70
4.1.1.3 Coordenação entre predicados de verbos descritivos (S _o)	72
4.1.1.4 Coordenação entre predicados de verbos de marcação não-canônica (S _{io})	74
4.1.1.5 Casos de justaposição (parataxe)	75
4.1.2 Coordenadas marcadas pela conjunção <i>mã</i> (DS) nos sintagmas verbais	76
4.1.2.1 Coordenação entre sujeitos de verbos intransitivos (S)	77
4.1.2.2 Coordenação entre sujeitos de verbos transitivos (A)	78
4.1.2.3 Coordenação entre predicados de verbos descritivos (S _o)	80
4.1.2.4 Coordenação entre sujeitos de verbos de marcação não-canônica (S _{io})	80
4.1.2.5 Casos de justaposição (parataxe)	81
4.2 Coordenadas conjuntivas com <i>mẽ</i> em sintagmas nominais e nomes em série	83
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	90
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	93
ANEXOS	94
ANEXO A - Termo de autorização para realização de pesquisa	95
ANEXO B - Caderno de imagens	96

1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo tem o objetivo de introduzir informações gerais sobre o trabalho, o povo e a língua Parkatêjê, assim como apresentar o aporte teórico metodológico que orientou o desenvolvimento desta pesquisa na perspectiva tipológico-funcional.

Esta dissertação intitulada *Descrição de orações complexas em Parkatêjê: coordenação e switch-reference* tem o objetivo central de descrever os principais mecanismos linguísticos de coordenação e *switch-reference* em duas ou mais sentenças em sequência, de modo que essa descrição agregue de alguma forma aos conhecimentos da gramática da língua. Aliados ao objetivo principal, os objetivos específicos também auxiliaram ao traçar os caminhos propostos por esse estudo: i. descrever os fenômenos de coordenação e *switch-reference* em Parkatêjê; ii. comparar as orações coordenadas ocorrentes em Parkatêjê com orações de outras línguas do complexo de dialetos Timbira e iii. contribuir para o desenvolvimento de outros trabalhos de análise linguística em Parkatêjê e em línguas Timbira de um modo geral.

Meu contato inicial com a língua Parkatêjê teve início no ano de 2012, quando tornei-me bolsista de iniciação científica (PIBIC-CNPq) e pude desenvolver alguns planos de trabalho que envolveram temas referentes aos aspectos fonético-fonológicos, morfológicos e lexicais da referida língua, respectivamente. O processo dessa experiência enriquecedora também permitiu-me realizar o primeiro trabalho de campo em 2013 e apresentar os resultados da pesquisa dos referidos temas de planos de trabalho em diferentes eventos de linguística ao longo da graduação. Ao lado disso, pude também defender meu trabalho de conclusão de curso, intitulado *Vocabulário de duas atividades tradicionais do povo Parkatêjê: uma abordagem etnolinguística*, em 2015.

A escolha do tema desta dissertação surgiu durante minha participação como ouvinte na disciplina *Tópicos avançados em Linguística: questões de Morfossintaxe* no Mestrado em Linguística no ano de 2015, ministrada pela professora Dra. Marília Ferreira. Na ocasião, a professora apontou para a necessidade de estudar, de forma mais aprofundada, a coordenação na língua Parkatêjê, a fim de verificar e descrever as diversas formas desse processo de articulação de orações. Outro ponto destacado durante as aulas referiu-se também à importância e contribuição aos estudos das línguas Jê do Norte, sobretudo aos aspectos morfossintáticos que dizem respeito ao maior ou menor grau de integração gramatical entre cláusulas complexas. Dessa forma, em face da pesquisa, a referida professora elencou esse assunto como um dos que poderiam ser desenvolvidos em um projeto de pesquisa como

proposta à possível candidatura de uma vaga no Mestrado em Linguística na Universidade Federal do Pará (UFPA). Com efeito, a partir do interesse no assunto, aceitei o desafio de aprofundar as descrições já iniciadas pela pesquisadora em sua tese, principalmente também por compreender a emergência do desenvolvimento constante de estudos morfossintáticos que contemplem o tema da gramaticalização de orações complexas na área de línguas indígenas de um modo geral.

Além do interesse pessoal pelo tema, acredito na relevância do assunto para as comunidades acadêmica e indígena, as quais podem usufruir dos resultados da pesquisa para desenvolver novos estudos investigativos e projetos político-pedagógicos com benefícios práticos a essas referidas sociedades e seus diferentes objetivos, quer sejam de cunho acadêmico, pedagógico ou social.

1.1 Algumas considerações sobre o povo Parkatêjê

O povo reconhecido como Parkatêjê vive na Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM) ao longo da BR-222, no município de Bom Jesus do Tocantins, às proximidades de Marabá, no sudeste do estado do Pará. Esse povo é constituído de três grupos remanescentes denominados como Rõhõkatêjê ou Parkatêjê (grupo do cocal); Kyikatêjê (grupo da Ladeira Vermelha ou grupo do Maranhão) e Akratikatêjê (grupo da Montanha), reunidos no início dos anos 70. De acordo com Ferraz (1998), o agrupamento desses povos deveu-se a um histórico de disputas internas por territórios e com não-indígenas que viviam ao redor, de modo que foi necessário passar por inúmeras lutas para conseguirem manter o seu espaço de sobrevivência linguística e cultural. Diante desses constantes conflitos enfrentados, acreditaram na força de união dos povos para se fortalecerem com o aumento populacional e com a produção/comercialização de castanhas que, àquela altura, passou a ser independente do órgão tutelar.

No ano de 2001, os Kyikatêjê decidiram separar-se do grupo maior que viviam no Km 30 e viver no Km 25. De lá para cá, outras cisões foram realizadas até que se formasse uma nova configuração territorial entre esses grupos, dentro da reserva.

Atualmente a população que se concentra na terra indígena Mãe Maria está distribuída em aproximadamente 11 aldeias menores habitando as mesmas terras. É necessário destacar que esta pesquisa foi realizada com os indígenas que habitam as aldeias Hõhõkatêjê, também conhecida como aldeia do Negão no Km 35, na qual vivem aproximadamente 30 famílias; bem como da aldeia do Mãe Maria localizada no Km 30 da mesma rodovia. A área de

localização da Reserva Indígena Mãe Maria (RIMM), bem como de outras aldeias ao longo da BR-222 podem ser visualizadas no seguinte mapa:

Figura 1 - Mapa de localização da RIMM



Fonte: Google Maps

É comum aos povos do complexo dialetal Timbira - e com o Gavião Parkatêjê não é diferente - viverem em aldeias com formato circular como destaca Nimuendajú (1944) ao considerar essa característica como uma das práticas culturais mais evidentes entre os Timbira, os quais resistiram arduamente às ideias ocidentais dos brancos/não-índios para modificar a disposição espacial e física de suas próprias moradias. Além disso, a corrida com tora também se destaca entre as atividades culturais mais praticadas entre esses povos conforme o estudo de Melatti (1976), no qual se destacam os grupos Timbira (Maranhão, de Goiás e do Pará), Xerentes (Tocantins) e os Xavantes (Mato Grosso) como corredores de tora atuais, ou seja, somente os grupos da família Jê ainda praticam essa atividade. Dessa forma, a disposição com relação ao formato da aldeia e a corrida com toras, assim como outras características culturais como o corte de cabelo e as pinturas corporais também fazem parte da herança histórica dos Parkatêjê e de outros Timbira. Ao lado disso, chama a atenção de todos os que já estiveram pesquisando línguas Jê as semelhanças lexicais e estruturais de um modo geral percebidas nessas línguas. Se fôssemos utilizar tão somente o critério de inteligibilidade mútua como a única evidência de relacionamento genético entre essas línguas, este estaria satisfeito, uma vez que a compreensão entre os Timbira é indiscutível. Estes também se entendem razoavelmente com os Kayapó, que vivem em aldeias no sudeste do Pará. Existe

um índio Parkatêjê, seu apelido é Mahiti, ele se casou com uma mulher Kayapó e teve inúmeros filhos lá. Vez por outra visitava o capitão e seus parentes; e falava uma mistura entre Timbira e Kayapó, de acordo com o falecido chefe.

O grande líder e gestor dessa comunidade, o chefe Toprãmre Krôhokrenhũm Jõpaipaire, faleceu em outubro de 2016, mas deixou o seu legado de conhecimento, generosidade e dedicação à comunidade indígena Parkatêjê, bem como aos outros povos parentes. Uma parte mínima de sua vida frente aos desafios encontrados ainda em sua juventude está contada no livro *Mẽ ikwỳ tekjê ri: isto pertence ao meu povo* que narra a história de sobrevivência/resistência aos inúmeros conflitos sofridos por eles durante as sucessivas guerras, invasões e epidemias, bem como do contato com o *kupẽ* (não-índio), às vezes bom, tantas outras vezes ruins, dependendo da perspectiva cultural de cada um. Entre eles, a guerra também apresenta aspectos culturais como os de sua origem e alimentação que apontam para a regra de não fugir da aldeia em casos de conflito, principalmente, para não ameaçar o provimento das crianças por falta da alimentação necessária.

De acordo com as histórias contadas no livro, o líder revela as três fases em que viveu a guerra e por consequência desses episódios, que já faziam parte da sua vida desde a infância, presenciou muitas mortes, desentendimentos e doenças que quase dizimaram seu povo. Ao tratar sobre esse assunto, Krôhokrenhũm destacava a estratégia de sobrevivência em casos como esse: “[...] quando era pouca gente no grupo, ficava escondido, pra poder aumentar o grupo novamente e depois atacar de novo” (JÕPAIPAIRE, 2011, p.43).

Com relação ao processo de renovação e aumento do grupo, Jõpaipaire (2011) apresentou em seus relatos a necessidade de aproximação com novos grupos e “amigos de fora” a fim de fortalecer o povo indígena Parkatêjê. Sobre esse ponto o chefe expressa a satisfação do benefício mútuo entre diferentes povos:

Quando você está triste, desanimado, porque seu grupo está muito pequeno e, de repente, outro grupo chega e fala que quer morar junto, pra ajudar você, você volta de novo a ficar animado; fica alegre, mas também chora, alegre... Eu choro de alegria, eu choro de tristeza (JÕPAIPAIRE, 2011, p. 147).

Os relatos históricos do chefe enfocam ainda aspectos referentes à cultura, tais como os referentes à vida cotidiana dos Parkatêjê; das regras e termos de parentesco; do respeito aos sogros (as), genros e noras no casamento; dos resguardos masculinos e femininos após o parto de uma mulher; a menarca e o *kaprô* (menstruação); o *pẽmp* (ritual de iniciação do jovem indígena, conhecido também como “furação do beijo”) e o regime alimentar que marcava

esses períodos; as diferentes pinturas corporais para cada ocasião; as festas tradicionais; as cantigas cantadas pelo cantor oficial das festas ou atividades; os sistemas de metades rituais (*Hàk, Pàn, Tep, Têre e Xêxêtere*)¹ entre outros aspectos que configuram o patrimônio material e imaterial desse povo.

Com a ausência do capitão, falecido em 18 de outubro de 2016, a comunidade Parkatêjê seguiu o rito de sucessão e já possui um novo chefe para representá-los, o filho mais velho vivo do capitão *Krôhókrenhũm*, chamado *Akrôiarêre Pojarêtêti Toprãmre*, também conhecido como *Kuia*, apelido oriundo de seu nome indígena. O chefe atual anseia fomentar e dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos pelo pai para garantir que, de alguma maneira, a riqueza histórica e cultural dos Parkatêjê não se dissipe diante da modernidade da vida tecnológica que cada dia mais alcança a floresta, principalmente os jovens que vivem conflitos de identidade entre o ser índio e o ser *kupê*. Com relação a essa questão, em comunicação pessoal, o chefe *Kuia* nos relatou a sua constante preocupação com a possível perda do idioma indígena e nos agravantes que isso pode acarretar a toda comunidade daquela região, diante disso, ele demonstra grande interesse em estudos que utilizem a tecnologia como aliada na aprendizagem da língua Parkatêjê, principalmente para os jovens indígenas que estão, a cada dia, mais conectados ao universo virtual.

É conveniente esclarecer que, nessa nova fase da vida da comunidade sem a presença física do principal líder que atuou durante muito tempo nas principais decisões, os Parkatêjê, com o auxílio do novo representante *Akrôiarêre*, se reúnem frequentemente com o intuito de se fortalecerem como comunidade indígena que almeja, cada vez mais, garantir seus direitos e conquistar a conscientização da legitimidade de suas causas que incluem o respeito à demarcação territorial; criação de projetos na área da educação escolar indígena e a garantia de saúde básica.

Nesse contexto, parte dos Parkatêjê, assim como outros povos indígenas do Brasil, participaram do movimento *Terra livre*², realizado em abril de 2017, em frente ao congresso nacional, em Brasília, a fim de expor as insatisfações diante das ofensivas do governo federal no período de 2011-2017 contra os direitos indígenas.

Assim como a participação em movimentos fora do estado do Pará, o grupo também participa de eventos na cidade de Marabá para realizar apresentações culturais, mais

¹ Respectivamente, Gavião, Arara, Peixe, Lontra e Arraia. De acordo com Melatti (1976), as metades rituais podem ser consideradas como grupos ou “times” que disputam, de alguma forma, as atividades ou jogos indígenas.

² O Acampamento Terra livre possui o objetivo principal de unificar as lutas em defesa dos povos indígenas.

particularmente na Casa da Cultura de Marabá, a qual homenageou o capitão³ *Krôhókrenhũm* e a trajetória dos povos Gavião na XI Amostra Cultural Indígena, realizada no dia 20 de abril de 2017, mesmo período em que a primeira etapa do trabalho de campo, que fundamentou a presente dissertação, estava sendo desenvolvido.

Figura 2 - Apresentação cultural dos Parkatêjê na XI Amostra Cultural Indígena



Fonte: Arquivo de campo.

Os Parkatêjê consideram que essas e outras participações em movimentos são fundamentais para fortalecer e engajar politicamente a união entre os povos indígenas do Brasil, assim como chamar atenção da sociedade e do “poder público” para questões essenciais de cunho indigenista. À vista disso, é possível perceber que essa comunidade revela-se disposta a continuar a seguir os ensinamentos de seu líder, bem como preocupada com o fortalecimento da identidade indígena Parkatêjê, em âmbito local e nacional.

No tópico que segue, serão tratados alguns aspectos e informações gerais sobre a morfossintaxe da língua Parkatêjê.

1.2 Aspectos gerais da língua Parkatêjê

A língua Parkatêjê está inserida no tronco Macro-jê, família linguística Jê e pertence ao complexo dialetal Timbira junto às línguas Canela-Krahô, Gavião do Maranhão ou Pykobiê, Canela-Apâniekra, Canela-Ramkókamekra, Krenye e Krikatí, segundo Rodrigues (1999). Com relação ao número de falantes, não há dados atuais que demonstrem um número

³ Capitão era um título que foi dado a ele pelo exército brasileiro.

fiel da quantidade de indígenas que falam a língua Parkatêjê, no entanto é possível afirmar que a maioria dos falantes está inserida na geração dos mais velhos (com mais de 60 anos).

A primeira pesquisadora linguista que trabalhou entre os Parkatêjê foi a Profa. Dra. Leopoldina Araújo. Ela iniciou sua pesquisa no começo da década de 1970. Àquela altura, não podia gravar nada, pois não havia permissão para isso. Em 1977, tornou-se Mestra em linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina, com a dissertação intitulada *Semântica gerativa da língua Gavião-Jê*. Continuou seus estudos e doutorou-se em linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1989. Sua tese, apresentada em dois volumes, trata de *Aspectos da língua Gavião-Jê*. O segundo volume contém parte do dicionário da língua lançado em novembro de 2016. A professora Leopoldina, ou como é conhecida na aldeia, *Katyj*, é uma pessoa de suma importância na história dos Parkatêjê. Sua dissertação de mestrado e seus conhecimentos a fizeram propor uma ortografia para essa língua.

Vários indígenas interessados em questões de educação escolar indígena a tinham como uma aliada diante dos *kupê*. Foi assim que ela estabeleceu, juntamente com o capitão, um projeto para uma escola bilíngue na aldeia e esteve com ele, lado a lado, até o fim.

Mais tarde, no final do ano de 1998, a professora Leopoldina Araújo apresentou a Profa. Mestra Marília Ferreira aos seus amigos Parkatêjê e pactuou com a mesma que ela faria os estudos em fonética/fonologia e a professora Marília os de morfossintaxe. De acordo com sua tese, defendida em 2003, na Universidade Estadual de Campinas, os principais aspectos morfossintáticos do Parkatêjê podem ser destacados, dentre os quais constam, as características morfológicas dos nomes, prefixos relacionais, os tipos verbais, orações independentes, o sistema de marcação de caso, as construções seriais verbais e preliminarmente questões relacionadas à causativização e à coordenação de orações, enfatizando o sistema de *switch-reference*.

No que concerne aos aspectos morfossintáticos da língua Parkatêjê, podem ser destacados de uma forma geral: (i) a categoria de posse dos nomes na língua é dividida em nomes possuíveis (alienavelmente e inalienavelmente possuídos) que se referem aos objetos da cultura material e aos termos de parentesco, partes de um todo, respectivamente; e não-possuíveis relacionados aos nomes de pessoas, plantas e fenômenos da natureza; (ii) os sufixos derivacionais –re (diminutivo) e –ti (aumentativo); (iii) os nomes não possuem flexão para gênero; (iv) os nomes são marcados pela categoria de caso; (v) os nomes ocupam a posição de núcleo de uma locução nominal, entre outros aspectos apresentados na descrição de Ferreira (2003).

Mais especificamente, os verbos em Parkatêjê ocorrem como núcleos de predicados e estão atrelados às categorias de tempo, aspecto e modo que não são marcadas na raiz do verbo, mas codificadas por partículas na extensão do predicado. Os verbos também podem receber sufixos de aumentativo ou diminutivo, funcionando como um atenuativo ou intensificador, que pode referir-se às propriedades do sujeito ou do objeto. No que se refere ao caráter semântico, os verbos intransitivos nessa língua pode ser ativos e descritivos (estativos ou não-ativos). Por sua vez, os verbos transitivos com dois argumentos nucleares podem ser simples ou estendidos, subclassificados como verbos que ocorrem com prefixos relacionais e verbos da classe *ku-*. Além dessas formas, há também uma categoria que compõe os chamados tipos semânticos de verbos que referem-se ao “tipo da natureza” do argumento e da ação; e em Parkatêjê, Ferreira (2003) trata os verbos matar, comer e pintar como verbos que descrevem a natureza da ação e o tipo de objeto envolvido.

Quanto aos pronomes em Parkatêjê, eles foram descritos inicialmente por Ferreira (2003), de acordo com a autora os pronomes pessoais podem ser classificados como livres e dependentes conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 - Pronomes livres e dependentes em Parkatêjê

Pronomes livres			Pronomes dependentes
1ª	Singular	wa / pa	i-
	Dual	ku	ku-
	PL. Dual	ku...mẽ	ku...mẽ-
	PL. Incl.	mpa	mpa-
		PL. Excl.	wa...mẽ
2ª	Singular	ka	a-
	Plural	ka...mẽ	mẽ...a-

Fonte: Ferreira (2003).

Acrescenta-se ao quadro acima apresentado, algumas características pontuais, observadas por Ferreira (2003) referentes aos pronomes nesta língua em que se identificam os seguintes pontos: i. as formas plurais possuem a marca *mẽ*, as quais seguem as formas pronominais livres (plural dual e excl.) e que precedem as formas pronominais dependentes (plural excl.); ii. Alguns pronomes das referidas classes são idênticos em seu aspecto formal, por outro lado sua distribuição é distinta; iii. Os pronomes podem substituir locuções nominais e por fim em iv. Os pronomes podem modificar nomes, como é o caso dos demonstrativos e indefinidos. No que concerne à expressão da terceira pessoa em Parkatêjê,

Ribeiro-Silva (2016) propôs um quadro de pronomes em que eles distinguem primeira, segunda e terceira pessoa; bem como singular, dual e plural. Em sua proposta, a distribuição dos pronomes é realizada por meio dos critérios de função gramatical e de tempo verbal: sujeito de verbos ativos (A, Sa) no tempo não-passado; sujeito de verbos ativos (A, Sa) no tempo passado; sujeito de verbos estativos (So) e Objeto (O), conforme verificado no quadro proposto pela autora.

Quadro 2 - Quadro revisado dos pronomes em Parkatêjê com ênfase na terceira pessoa

	Sujeito de verbos ativos (A, Sa) no tempo não-passado		Sujeito de verbos ativos (A, Sa) no tempo passado		Sujeito de verbos estativos (So)	Objeto (O)
	<i>Futuro</i>	<i>Presente</i>	<i>Recente</i>	<i>Distante</i>		
	<i>Pronome livre</i>		<i>Pronome dependent e</i>	<i>Pronome livre</i>	<i>Pronome dependente</i>	
1ª SG	wa		i-	wa	i-	
2ª SG	ka		a-	ka	a-	
3ª SG	kê	∅	o-	tam ²⁰	h-/ i-/ ku-/m-	
1ª DUAL	ku mē	ku	?		ku-	
1ª INCL. PL	mpa		mpa=tem	?	mpa-	
1ª EXCL. PL	wa= mē		i-tem	?	mē i-	
2ª PL	ka= mē		mē a-	ka	mē a-	
3ª PL	kê= mē	mē= o	mē o-	tam	mē h-/ i-/ ku-	

Fonte: Ribeiro-Silva (2016).

Nota-se que o quadro elaborado por Ribeiro-Silva (2016) acrescenta a 3ª pessoa do singular e plural na língua, de acordo com os critérios gramaticais de função e tempo verbal. Assim como, sua revisão, revela ainda uma mudança pontual verificada na 1ª pessoa dual dos pronomes dependentes que pode ser vista como *ku...mē-* no quadro proposto por Ferreira (2003) e como apenas *ku-* no quadro revisado por Ribeiro-Silva (2016).

Por sua vez, as orações independentes nesta língua são organizadas em dois tipos sentenciais básicos: a) oração com predicado-verbal e b) oração com predicado não-verbal. De acordo com Ferreira (2003), a diferença entre essas duas formas faz-se com base em algumas características, como a forma (nominal ou verbal) pela qual o predicado se manifesta; a natureza e o número dos argumentos nucleares e os mecanismos para expressar as categorias de pessoa, tempo e aspecto.

Por conseguinte, as orações coordenadas também foram descritas preliminarmente pela autora que pode verificar o uso das conjunções *nã* e *mã* para a coordenação de orações com sujeitos idênticos ou diferentes em sintagmas verbais, respectivamente. Por sua vez, em locuções nominais coordenadas foi-lhe possível também constatar a forma marcada *mē*. O quadro, a seguir demonstra as conjunções identificadas pela autora:

Quadro 3 - Conjunções coordenativas em Parkatêjê

Sintagmas verbais com sujeitos semelhantes (SS)	<i>nã</i>	Em posição final, evidenciando a continuidade do sujeito.
Sintagmas verbais com sujeitos distintos (DS)	<i>mã</i>	Em posição final, evidenciando a mudança do sujeito.
Sintagmas nominais	<i>mẽ</i>	-

Fonte: Elaboração própria com base na descrição realizada por Ferreira (2003).

É necessário esclarecer que esta breve resenha sobre as formas pronominais na língua, bem como sobre as orações na língua Parkatêjê, é realizada para dar suporte à compreensão da disposição dos sujeitos nas orações, sobretudo, nas coordenadas.

No próximo subitem, serão explanados os principais passos teórico-metodológicos referentes a esta pesquisa.

1.3 Metodologia da pesquisa

Neste tópico são apresentadas as fases principais dos procedimentos utilizados nesta pesquisa com orientação tipológico-funcional que serviram como suporte teórico-metodológico para o seu desenvolvimento e organização. Essas fases são compostas principalmente pelo arcabouço teórico, a pesquisa de campo, o tratamento e a análise de dados, tais como podem ser brevemente descritas abaixo.

1.3.1 Aporte teórico

Em um primeiro momento, se fez necessária a compilação dos estudos pertinentes ao âmbito morfossintático, mais especificamente no que refere as orações coordenadas. Para realizar essa primeira etapa foi feita a leitura de bibliografia levantada, entre as quais podem ser destacadas: Lyons (1968), Payne (1985), Mithun (1989), Givón (2001), Carvalho (2004) e Haspelmath (2007). Posteriormente, foi realizada uma comparação entre algumas línguas naturais que apresentam estudos ou alguma informação sobre coordenação, bem como e principalmente das línguas Jê do Norte: Mebengokre em Stout e Thomson (1974); Panará em Dourado (2001); Parkatêjê em Ferreira (2003); Canela Apãniekrá em Alves (2004); Apinajé em Oliveira (2005); Krahô em Miranda (2014); Kĩsêdjê em Nonato (2014) e Tapayuna em

Camargo (2015). Entre elas, três línguas são pertencentes ao complexo dialetal Timbira: Canela Apãniekrá, Parkatêjê e Krahô; conforme a classificação de Rodrigues (1999).

Além do trabalho de campo realizado, foram lidos textos, trabalhos e materiais históricos e pedagógicos que apresentam relatos históricos sobre o povo Parkatêjê, bem como informações e dados da língua indígena, os quais podem ser encontrados principalmente em Araújo (1977), Ferreira (2003) e Jõpaipaire (2011).

1.3.2 Pesquisa de campo e coleta de dados

Os dados utilizados nesse estudo foram coletados na Comunidade Indígena Parkatêjê. A coleta de dados ocorreu entre três períodos específicos: 15 a 24 de abril de 2017, 08 a 14 de setembro de 2017 e 05 a 13 de abril de 2018. Nessas três oportunidades, pudemos coletar dados elicitados e alguns pequenos textos⁴ com os falantes da língua, que se dispuseram muito gentilmente: Japênprãmti (Pedro), Xôntapti Totore (Raimundo), Pojarêtêti (Madalena), Krowapejre (Manoel) e Nākôti (Domingos). Além disso, foram utilizados os dados do acervo de Ferreira (2003), Araújo (2016) e Ribeiro-Silva (2016).

1.3.3 Análise e discussão dos dados

Por fim, foram analisados, do ponto de vista morfossintático, os fenômenos de coordenação na língua Parkatêjê, a fim de investigar os principais mecanismos linguísticos envolvidos nesses tipos de orações. Nessa perspectiva, foram verificadas a coordenação de sintagmas nominais e nomes em série com o uso da conjunção coordenativa *mê*. Assim como também foram analisadas as ocorrências com sintagmas verbais e verbos em série com o uso do mecanismo de *switch-reference*; dos contextos com justaposição e correlação.

⁴ Foram realizados pequenos experimentos para compreender a ocorrência do mecanismo em uma variedade mais espontânea. Não nos foi possível coletar muitos textos, em virtude da disponibilidade de cada falante, tendo em vista que a coleta de textos é mais demorada e o tempo disponível para cada uma das pesquisadoras realizar a tarefa era limitado. Dessa forma, utilizamos também alguns dados retirados do texto mítico *Pýt mē Kaxêre* narrado pelo capitão Krôhökrenhum, coletado por Leopoldina Araújo e analisado diversas vezes por Marília Ferreira.

1.4 Trabalhos concluídos

As professoras Leopoldina Araújo (1977, 1989) e Marília Ferreira (2003), com suas amplas e fundamentais descrições, já citadas anteriormente, sobre a língua Parkatêjê, têm feito também uma série de trabalhos de cunho linguístico que contribuem para a descrição da língua e difusão do conhecimento. Desde que começou a trabalhar junto ao Programa de Pós-graduação em Letras, em 2004, por ordem expressa da Capes, a professora Marília Ferreira foi levada a orientar estudantes envolvidos pela pesquisa temática de sua linha, anteriormente conhecida como *Descrição de línguas indígenas* e atualmente como *Análise, descrição e documentação das línguas naturais*.

Abaixo segue uma breve apresentação de alguns desses trabalhos menores, os quais se configuram como descrições específicas de um único aspecto da língua Parkatêjê:

- Em 2008, *Revisitando os verbos em Parkatêjê: questões relevantes para um estudo morfossintático*. Marília Fernanda Pereira de Freitas.
- Em 2012, *Alternância de códigos em narrativas orais do povo Parkatêjê: aspectos linguísticos do contato com o Português*. Cinthia de Lima Neves.
- Em 2014, *A Tradição Oral no Ensino de Línguas indígenas: uma proposta para o povo Parkatêjê*. Maria de Nazaré Moraes da Silva.
- Em 2016, *Pronomes em Parkatêjê: a expressão de terceira pessoa*. Nandra Ribeiro Silva.
- Em 2017, *Onomástica em Parkatêjê: um estudo morfossintático e semântico sobre os nomes próprios*. Tereza Tayná Coutinho Lopes.

1.5 Estrutura do trabalho

Este trabalho está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta as considerações introdutórias sobre o povo, a língua e a contextualização do trabalho de campo. Também cita os principais aportes teóricos utilizados e sobre os dados coletados. O segundo capítulo trata de compilações de cunho funcionalista que embasam esta pesquisa, mais particularmente Payne (1985,1997); Mithun (1989); Givón (2001) e Haspelmath (2007), bem como apresenta diferentes formas de coordenação em quatro línguas naturais e formas marcadas de conjunções aproximadas em nove línguas Jê do Norte. O terceiro capítulo trata da análise e discussão dos aspectos morfossintáticos das coordenadas em Parkatêjê. No último capítulo são apresentadas as considerações finais desta pesquisa.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Este capítulo tem por objetivo apresentar as principais abordagens funcionalistas que tratam de orações coordenadas descrevendo o fenômeno da coordenação em diferentes línguas do mundo e em línguas da família linguística Jê setentrional. Optei por este caminho a fim de verificar diferenças e ocorrências semelhantes nesse processo de articulação de orações. Os principais aportes teóricos que embasam o percurso desta pesquisa são encontrados, principalmente, nos estudos funcionalistas de J. Payne (1985); T. Payne (1997); Mithun (1989); Givón (2001) e Haspelmath (2007).

2.1 Construções coordenativas: principais conceitos e abordagens funcionalistas

Na tarefa de contribuir com a descrição sintática de orações coordenadas e seus mecanismos linguísticos nas diferentes línguas naturais, muitos teóricos e estudiosos apresentaram propostas, em diferentes trabalhos, para embasar e tornar consistente esse objetivo. Por meio dessas teorias, é possível também contribuir, de modo específico, por exemplo, para a descrição das línguas indígenas brasileiras. Sabe-se que ainda existem muitas delas carentes desse tipo de trabalho relacionado à descrição de processos sintáticos de articulação de orações.

A presente pesquisa ampara-se na abordagem funcionalista por concordar com seus princípios e propostas. De acordo com Trask (2011), qualquer trabalho ou teoria que tenha como intuito “combinar a pesquisa da estrutura com a investigação da função” possui abordagem funcionalista (TRASK, 2011, p. 120).

A escolha por essa orientação justifica-se pelo fato de encarar os processos de articulação de orações com base em novos critérios para sua classificação, os quais levam em consideração o contexto e a relação entre os falantes e a língua; bem como a preocupação com a modalidade falada, a qual, na maioria das vezes, não é satisfatoriamente abordada pela gramática tradicional. Para esse efeito, serão utilizadas e confrontadas, neste tópico, as teorias sobre orações complexas e coordenação na perspectiva dos seguintes teóricos: Payne (1985), Payne (1997), Givón (2001) e Haspelmath (2007).

Primeiramente, é necessário apontar as orações coordenadas como construções gramaticais que estão inseridas no âmbito das orações complexas, as quais, segundo Langacker (1968), compõem um conjunto infinito de possibilidades, de modo que pode ser formados pensamentos com qualquer grau de complexidade; por outro lado, para Crystal

(1988), a coordenação vista como processo refere-se à união de unidades linguísticas de nível sintático equivalentes. De acordo com Lyons (1968), as construções complexas são formadas por uma série de sentenças simples e podem ser divididas em coordenadas e subordinadas, de modo que as coordenadas são somadas em sequência, podendo ocorrer com ou sem conjunção coordenativa. Por sua vez, o autor considera as subordinadas como orações que possuem uma “sentença principal” e que geralmente são introduzidas por uma conjunção subordinativa.

Observemos a escala proposta por Payne (1997) na Tabela 3 abaixo, na qual o autor demonstra o nível de integração gramatical entre as orações complexas:

Tabela 1 - Escala de integração gramatical das orações complexas

uma oração	verbos seriais	orações completivas	orações adverbiais	cadeias de orações	orações relativas	coordenação	orações separadas
Alto grau de integração gramatical				Sem integração gramatical			

Fonte: Payne (1997, p. 307, tradução nossa).

Por meio da escala, é possível perceber que as coordenadas estão mais aproximadas da não integração gramatical, pois essas orações estão agrupadas no conjunto das chamadas “orações independentes”. Entende-se que a escala de Payne (1997) procura sistematizar essas relações em maior ou menor grau de integração gramatical. Esse é um fator que favorece e delimita o estudo de cada uma dessas relações, as quais apresentam comportamentos distintos. Dessa forma, é possível destacar que os postulados de Payne (1997) levaram em conta diferentes relações gramaticais no âmbito das orações complexas, diferentemente de Lyons (1968) que se delimitou aos fenômenos de coordenação e de subordinação ao tratar dos tipos de orações.

Contudo, em um caso específico como, por exemplo, o de verbos seriais vs. coordenação em que a serialização verbal apresenta características peculiares, é possível perceber, de alguma maneira, em casos particulares, que esse fenômeno pode funcionar como um mecanismo para coordenar três ou mais sintagmas verbais. Dessa forma, podemos considerar os seguintes exemplos em Português:

Em Português temos o seguinte exemplo com serialização verbal:

(1) Maria tropeçou, caiu e levantou.

Mas, dificilmente, teremos (exceto em casos enfáticos):

(2) Maria tropeçou e caiu e levantou.

(3) Maria tropeçou, caiu, levantou.

Em [1] temos um conjunto de verbos em série conectados pela pausa, bem como pela conjunção coordenativa “e” funcionando como mecanismo para coordenar a oração. Já em [2] e [3], apesar de não serem exemplos muito recorrentes na língua, ainda assim seriam considerados como coordenada enfática e coordenada justaposta, respectivamente. Entende-se, desse modo, que a serialização verbal pode funcionar como mecanismo de coordenação em alguns contextos sem deixar de ser considerada como mecanismo independente pelos seus critérios próprios como relação gramatical com maior integração das cláusulas.

Rodrigues (2004) afirma que é válido apontar a existência de alguns tipos de orações, com sequência de um ou dois verbos, como por exemplo, “Eu peguei e saí” e “Ele pegou deu uma gargalhada”, como orações, observadas na fala, que ultrapassam os limites da coordenação por apresentarem propriedades que não são compartilhadas por nenhuma outra construção do Português, visto que, segundo esse autor, esses enunciados possuem algumas características sintáticas e discursivas bastante delimitadas.

Hopper e Tragoutt (1993) apresentam as orações complexas como unidades que podem ser formadas de uma ou mais cláusulas. Além disso, os autores ressaltam que o processo de união das orações pode ocorrer em níveis distintos nas línguas humanas.

É válido apontar também que, na perspectiva funcional, as noções de dependência e independência são consideradas insuficientes para distinguir subordinadas de coordenadas. Sobre os conceitos binários de coordenação e subordinação, Givón (2001) critica as noções de dependência e independência para distinguir, respectivamente, os dois fenômenos, pois, segundo ele, somente esses critérios não são suficientes para explicá-los à luz dos postulados funcionalistas:

In the same vein, an absolute binary distinction between subordinate (‘dependent’) and coordinate (‘independent’) clauses is woefully untenable. As noted in our earlier discussion of verbal complements (ch.12), the functional dimension of even

integration and the syntactic dimensions of clause integration ('clause union') formed two parallel isomorphic scales. (GIVÓN, 2001, p. 328).⁵

2.1.1 A abordagem de Payne (1985)

No que se refere, especificamente, às construções coordenadas, Payne (1985) apresenta cinco tipos básicos e diferentes de coordenação que se realizam em níveis sintagmáticos e oracionais: *conjunction* (p e q), *postsection* (p e não q), *presection* (não p e q), *disjunction* (p ou q), and *rejection* (não p e não q; não... p ou q). De acordo com o autor, todas as línguas, sem exceção, apresentam algumas, todas ou a maioria dessas estratégias que permitem vários tipos de coordenação nos níveis oracionais e sentenciais. Esses tipos de coordenação são marcados por traços, tais como: [\pm adversativa], [\pm separada] e [\pm enfática]. A compreensão dessas características é importante para entender os diversos níveis sintagmáticos e oracionais propostos pelo autor:

- O traço [\pm adversativa]: Esse recurso especifica se as formas apresentam contraste ou não. Está presente em todos os tipos básicos de coordenação, exceto na disjunção, com o qual parece não ser compatível. Pode ser marcada em Português pela conjunção “mas”. O exemplo “Rico, **mas** feliz” tem uma leitura adversativa vaga que corresponde ao enunciado não marcado “Rico e feliz”.

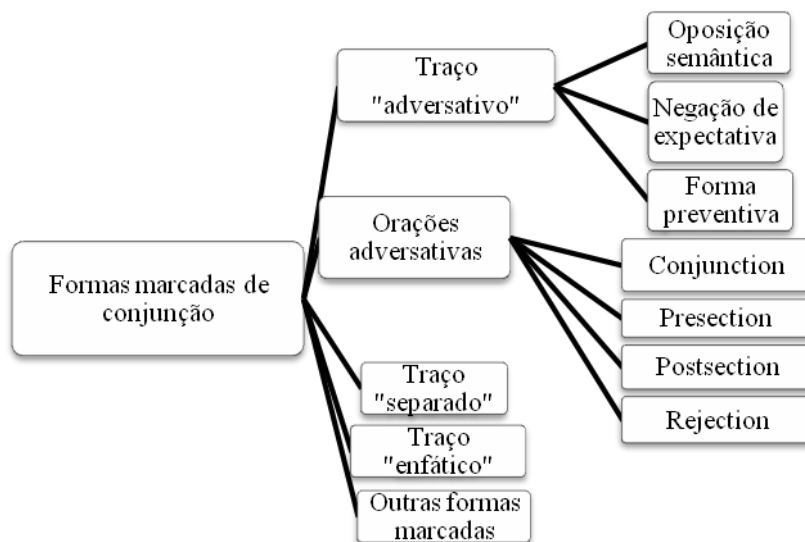
- O traço [\pm separada]: Esse recurso indica que o foco está em uma separação das formas. Pode ser realizada em Português por meio da adição da conjunção “ambos” e de “ou” (disjunção). O exemplo “**Ambos**, João e Maria se casaram” não apresenta a interpretação de que se casaram um com o outro e sim de que devem ser considerados como indivíduos diferentes realizando seus respectivos casamentos.

- O traço [\pm enfática]: Esse recurso, por sua vez, especifica a ênfase da própria coordenação por meio da repetição de conjunção. No exemplo “João e Pedro e Maria são um time excelente” é possível perceber que a repetição de “e” não é obrigatória para considerar as formas separadas.

⁵ Na mesma linha, uma distinção binária absoluta entre cláusulas subordinadas ("dependentes") e coordenadas ("independentes") é lamentavelmente insustentável. Como observamos em nossa discussão anterior de complementos verbais (cap. 12), a dimensão funcional da integração justa e as dimensões sintáticas da integração da cláusula ("união da cláusula") formaram duas escalas isomórficas paralelas. (GIVÓN, 2001, p. 328, tradução nossa).

Payne (1985) apresenta alguns tipos de coordenação distinguindo as formas marcadas (esquema 1) das não- marcadas (esquema 2) com ênfase nos traços vistos acima. A seguir, o esquema demonstra os principais tipos das formas marcadas de conjunção de acordo com o autor:

Figura 3 - Esquema das formas marcadas de conjunção



Fonte: Elaboração própria com base em Payne (1985, p. 6-41, tradução nossa).

Como pode ser demonstrado a partir dos estudos de Payne (1985), as formas marcadas de conjunção são descritas por traços ou aspectos mais ou menos adversativos, separados ou enfáticos. Além das orações adversativas (conjunction, presection, postsection e rejection), também são destacadas outras formas marcadas de coordenação. Alguns exemplos entre os destacados pelo autor serão apresentados a seguir para explicar esses traços e suas manifestações em orações:

- O traço ‘adversativo’

Esse aspecto difere-se das formas não-marcadas por apresentar contraste existente entre as cláusulas e pode ser distinguido em três variedades, tais como a oposição semântica, a negação da expectativa e o caráter preventivo.

A oposição semântica compreende não apenas uma relação de contraste que apresenta certa semelhança de tópico e estrutura, mas também certa diferença no que diz respeito ao

conteúdo lexical como podemos verificar nos exemplos (4a) e (4b) com os seguintes termos antônimos rico/ pobre e chuva/sol, respectivamente, a seguir:

(4) a. [s Jonh is rich **but** I am poor]

[s João é rico, **mas** eu sou pobre]

b. [s In France it rains, **but** in England the sun shines]

[s Na França chove, **mas** na Inglaterra o sol brilha]

(Conjunction - p and q)

Em seu turno, a negação de expectativa, diferentemente da oposição semântica, não necessita de similaridade entre o tópico ou estrutura, pois coordenações dessa natureza ressaltam um contraste pragmático, ou seja, um contraste que está além da construção da frase. Com isso, em uma determinada forma ‘A, mas B’ pode-se esperar diante de ‘A’ um resultado de ‘não B’, mas esse resultado não ocorre, ainda que esperado.

(5) [s John is rich, **but** the party will take place]

[s João é rico, mas a festa acontecerá]

Em (5), de acordo com o autor, poderia ser esperado que a festa não teria lugar por outros motivos que estão além do conteúdo exposto. Vale destacar que esta é uma interpretação que considera o ponto de vista pragmático, entretanto a realização de variados testes e estudos que considerem este aspecto é importante para a compreensão dessa forma no traço adversativo de coordenação.

Por sua vez, a forma preventiva no traço adversativo das formas marcadas de conjunção compreende um conjunto hipotético. Nessa coordenação, diante da forma ‘A, mas B’: A que ocorreria de outro modo, não ocorre em virtude de B.

(6) a. [s I would go, but Bill has the money]

[s Eu iria, mas Bill tem o dinheiro]

b. [s I wouldn't go, but Bill has the money]

[s Eu não iria, mas Bill tem o dinheiro]

- O traço ‘separado’

Nesse aspecto, a coordenação está entre os conjuntos que são considerados como partes separadas, independente do vínculo sintático. De acordo com Payne (1985), essa é uma estratégia utilizada em diferentes línguas do mundo.

- (7) a. [NP João e Maria] casaram-se
 b. [NP Ambos João e Maria] casaram-se

- O traço ‘enfático’

A característica enfática ainda não encontra-se tão aprofundada quanto às demais. No entanto, pode-se dizer que esse traço diz respeito a uma repetição de coordenadores ou conjunções coordenativas.

- (8) Au a raica [NP na turaga **kei** na gone **kei** na marama]
 I PAST SEE ART Chief and ART child and ART lady
 “I saw the chief **and** the child **and** the lady”
 ‘Eu vi o chefe **e** a criança **e** a moça’

- Orações ‘adversativas’

Os recursos utilizados nesse nível são próximos aos usados no nível sentencial, de modo que torna-se difícil afirmar como uma sequência deve ser analisada em alguns casos. A situação é exemplificada pelo autor com o seguinte exemplo:

- (9) a. John is [AP rich but not handsome]
 b. [S John is rich but (John is) not handsome]
 ‘João é rico, mas não é bonito’

- Outras formas marcadas

Além das formas exemplificadas acima, há ainda algumas possibilidades com traço [+separado] de coordenação, verificadas por Payne (1985), em algumas línguas naturais isoladas. Essas possibilidades podem ser elencadas por meio dos seguintes modelos: A and B; A and also B; A and then B; A and B and C; As A so B; Not so much A as B; A and B; entre outros. Algumas dessas formas são exemplificadas pelo autor como pode ser verificado nos dados seguintes:

(10) ‘A and B’ no Japonês

[John ya/ yara/toka Mary ga] kekkonsita

John Mary SUBJ married

‘Jonh and Mary (among others) got married’

‘John e Mary (entre outros) se casaram’

(11) ‘A and also B’ no Irlandês

a. [poika sekä tyttö] ovat koulussa

boy and also girl are school in

‘The boy and also the girl are in school’

‘O menino e também a menina estão na escola’

b. [poika já tyttö] ovat koulussa

boy and girl are school in

‘The boy and the girl are in school’

‘O menino e a menina estão na escola’

(12) As A so B

vremja izmenjaet človeka [kak v fizičeskom tak i v duxovnom otnošenni]

time changes man as in physical so (and) in spiritual manner

‘Time changes man both in a physical and in a spiritual manner’

‘O tempo muda o homem de maneira física e espiritual’

(13) Not so much A as B

vinovat [ne stol’ko ty skol’ko ja]

guilty not so-much you as-much-as I

‘It’s not so much you who are guilty as I’

‘Você não é tão culpado quanto eu’

(14) A and B (in alternation)

Ja znal ego [to veselym to grustnym to zadumčivym]

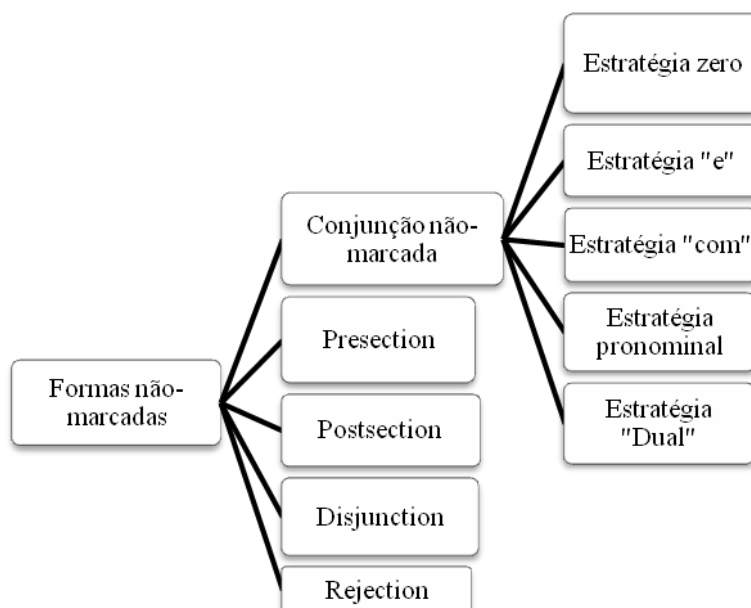
I knew him happy sad thoughtful

‘I knew him (alternatingly) happy, sad and thoughtful’

‘Eu o conhecia (alternadamente) feliz, triste e pensativo’

Por outro lado, no que diz respeito às formas não-marcadas, pode-se dizer que elas são classificadas pelo autor em cinco formas distintas: Conjunção não-marcada (estratégias), Presection, Postsection, Disjunction e Rejection.⁶ Essa classificação pode ser verificada no esquema seguinte:

Figura 4 - Esquema das formas não-marcadas



Fonte: Elaboração própria com base em Payne (1985, p. 25-41, tradução nossa).

Destarte, as formas não-marcadas de conjunção apresentam cinco estratégias para sua forma de classificação como conjunção não-marcada segundo Payne (1985). A primeira delas é a estratégia zero, na qual ocorrem conjuntos justapostos e sem marcadores adicionais de conjunção. A segunda refere-se à estratégia ‘e’ que é familiar nas línguas indo-europeias. A estratégia ‘com’, por sua vez, é mais comumente verificada na marcação do caso comitativo, em contextos em que a partícula de coordenação é igual à preposição ou posposição. No âmbito da estratégia pronominal, os conjuntos estão atrelados a um determinado pronome que indica número e pessoa; o pronome pode funcionar como um link no sintagma nominal. Por fim, a estratégia dupla ou dual é considerada rara, ela pode ser constatada nas línguas Samoyed e permite que os sintagmas nominais se unam por meio de uma marcação no final de cada um deles.

⁶ Consideramos não haver uma tradução totalmente fiel para esses termos.

Além das estratégias para as orações com conjunção não-marcada, existem outras de formas não-marcadas que são organizadas em presection, postsection, disjunction e rejection: i. Na presection, de acordo com Payne (1985), pode referir-se a uma combinação de estratégias por meio de uma conjunção e uma negação, particularmente; ii. A postsection também é tratada por uma combinação de estratégias com conjunção e negação, no entanto, diferentemente da presection, a forma tratada apresenta traço mais [+ separado]; iii. A disjunction pode ser definida como uma estratégia que pode ocorrer por meio de justaposição simples ou pelo uso de marcadores idênticos e em iv. A rejection, por sua vez, consiste na estratégia de combinação entre conjunção padrão e negação padrão.

Na próxima seção, apresentaremos a abordagem de Mithun (1989) a fim de conjugá-la com os postulados de Payne para uma possível compreensão dos fatos do Parkatêjê.

2.1.2 A abordagem de Mithun (1989)

Diferentemente do que é proposto em Payne (1985), Mithun (1989) apresenta considerações a respeito de um pensamento voltado para a necessidade de uma gramaticalização das coordenadas por meio da comparação entre padrões de mecanismos, mais particularmente os de entonação, em diferentes línguas, pois segundo a autora, os falantes combinam determinados elementos de maneira frequente:

Some languages contain elaborate sets of obligatory conjunctions, some indicate syntactic links morphologically with non-finite tense or switch-reference markers, but many languages contain no grammaticized markers of coordination at all. Does this variety mean that coordination is a language-specific strategy? Do speakers of different languages differ in the kinds of constituents they conjoin, or the occasions on which they link them? In fact, if intonation patterns are compared across languages, striking similarities emerge. Speakers of very different types of languages combine elements intonationally under essentially the same circumstances with comparable frequency⁷(MITHUN, 1989, p. 331).

⁷ “Algumas línguas contêm conjuntos elaborados de conjunções obrigatórias, algumas indicam links sintáticos morfologicamente com marcadores de referência não-finitos ou de *switch-reference*, mas muitas línguas não possuem marcadores gramaticais de coordenação. Essa variedade significa que a coordenação é uma estratégia específica da linguagem? Os falantes de línguas diferentes diferem nos tipos de constituintes que se juntam, ou as ocasiões em que os ligam? Na verdade, se os padrões de entonação forem comparados entre diferentes idiomas, surgem novas semelhanças. Os falantes de diferentes tipos de linguagens combinam elementos de forma tonacional em essencialmente as mesmas circunstâncias com frequência comparável” (Tradução nossa).

De acordo com os postulados de Mithun (1989) sobre alguns fatos que podem ser verificados em diferentes línguas, a autora destaca, a partir de sua abordagem, as seguintes reflexões que se referem à coordenação:

- i. A variedade entre as formas marcadas e não-marcadas podem significar que a coordenação é uma estratégia específica da linguagem?
- ii. Falantes de línguas distintas diferem os tipos de constituintes utilizados, bem como os contextos em que eles utilizam?

Para responder esses e outros questionamentos, a pesquisadora aborda pontos como a coordenação por entonação; as formas marcadas de coordenação; a generalização da coordenação e a emergência da gramaticalização de conjunções.

Primeiramente, com base em uma pesquisa de textos de falas espontâneas, a autora destaca que a “coordenação por entonação” em uma variedade de língua, a qual apresenta duas formas principais, se há conjunções ou não. Dessa maneira, as coordenadas podem ser combinadas sem interrupção de entonação ou podem ser separadas por vírgula. Esses dois padrões são caracterizados por conjuntos de sintagmas nominais coordenados, predicados coordenados e orações coordenadas:

- Sintagmas nominais coordenados

Estes tipos de conjuntos de sintagmas nominais podem referir-se, de acordo com Mithun (1989), aos conceitos que podem ser designados por itens e compostos lexicais, como, por exemplo, em “pais” para “mãe e pai”. Em contrapartida, sintagmas nominais separados por entonação com vírgula podem ser designados de forma conceitual por conjuntos distintos, ou seja, em cada conjunto novo apresenta-se um pedaço de informação. Para explicar a constatação de pares com coordenação sem entonação e com entonação de vírgula ou “comma intonation”, a autora apresenta dados de fala da língua Gurung, língua falada na região central do Nepal:

- (15) jxa:lé nxywí coló pĩ-m
 then cape skirt give-NP
 ‘Then (we) give (the girls) a cape and skirt’
 ‘Então (nós) damos (as meninas) uma capa e uma saia’

(GLOVER, 1974 *apud* MITHUN, 1989, p. 332).

- (16) *dasaẽ ni tamũ-maé-la, nxepa:li-la dasaẽ ...*
 Dasain we Gurung-PL- TOP Nepali-Top Dasain
 asodá mxaina-r pardi-m
 Asod month-in fall-NP
 ‘Dasain, for us Gurungs, and Nepalis, falls in the month of Asod’
 ‘Dasain, para nós Gurungs e Nepalis, cai no mês de Asod’

(GLOVER, 1974 *apud* MITHUN, 1989, p. 332).

Ao apresentar os dados supracitados, Mithun (1989) explica que em (15) as palavras ‘cape’ e ‘skirt’ constituem juntas uma composição e por esse motivo o falante coordena esses dois nomes sem pausa. Por outro lado, em (16) os grupos Gurungs e Nepalis são considerados como nomes identificados, conceitualmente, por “entidades distintas” e por esse fato são separados por entonação de vírgula.

- Predicados coordenados

Semelhantemente ao que ocorre na entonação de Gurung, a língua Parengi apresenta pares de coordenação de predicados sem e com entonação. Como pode ser verificado nos dados a seguir:

- (17) *e-no²n d’ar-t-ay zum-t-ay*
 to-him grasp-FUT-SP eat-FUT-SP
 ‘I will grasp him and eat him’
 ‘Eu vou agarrá-lo e comê-lo’

(AZE; AZE, 1973 *apud* MITHUN, 1989, p. 334).

- (18) *no²n kuy alung ir-ru, din-ru²*
 he well inside jump-PAST die-PAST-UNDERGOER
 ‘He jumped inside the well and died’
 ‘Ele pulou dentro do poço e morreu’

(AZE; AZE, 1973 *apud* MITHUN, 1989, p. 334).

No exemplo (17) são verificados dois verbos no futuro que se referem a partes de uma unidade de ação que são combinadas sem pausa, em contrapartida em (18) são combinados

eventos distintos, conceitualmente, dessa forma os verbos são separados por entonação de vírgula.

- Orações coordenadas

Orações coordenadas podem apresentar pares com o mesmo tipo de entonação que ocorrem nos nomes e predicados conjuntos nos dados anteriores. Sobre as ocorrências sem pausa de entonação em orações, pode-se dizer que descrevem “[...] subpartes do que é concebido como um evento único” (MITHUN, 1989, p. 335, tradução nossa). A oração, a seguir, em Gurung, evidencia justamente esse aspecto:

- (19) sxĩ-ĩ xrēsyo mxi gxrí aba xrōsa xrōsa-é
 houses-EMPH each person one now self self-of
 mró xya:í birí xrōsa xrōsa-é mró-r-bae mxa:rsi
 field go.CONJ self self-of fied-in ADJ marsi
 mixa-e na: ti-na
 rice-of head pluck-DI

‘One person from each household went to their respective fields and plucked of their own field a head of marsi rice’

‘Uma pessoa de cada família foi aos seus respectivos campos e arrancou de seu próprio campo uma cabeça de arroz marsi’

(GLOVER, 1974, *apud* MITHUN, 1989, p. 335).

Diferentemente do primeiro par supracitado, as orações que apresentam entonação com pausa evidenciam aspectos distintos de um evento. Abaixo em (20), destaca-se a sequência de ações desse modo na língua Kamchadal:

- (20) ktkil-ín lil, ktéwsiknen iná, méyen iná,
 she threw the line was taken up he, in such a way he
 kétcaknan, kariatqazúknen, knúqzuknen, knejúqzuknen
 was dried out, he became glad, he ate, he became satiated
 ‘She threw down the cord, he was pulled up, dried out, and
 became happy, he ate, he became satiated’

‘Ela jogou o cordão, ele foi puxado para cima, secou e ficou feliz,
 ele comeu, ele ficou saciado’

(WORTH, 1961 *apud* MITHUN, 1989, p. 335).

Em relação à variação na classificação dos marcadores formais de coordenação nas línguas naturais, Mithun (1989) afirma que:

- i. um número considerável de línguas não possui indicações de conjunção, sejam elas morfológicas ou lexicais;
- ii. muitas línguas apresentam marcadores gramaticais de coordenação sintática, muito embora, nem mesmo elas são capazes de marcar todos os tipos de coordenação obrigatória ou uniforme;
- iii. em muitas línguas, somente alguns tipos de coordenação podem ser completamente definidos;
- iv. em muitas delas, conjunções são opcionais.

A seguir, será apresentada a abordagem sobre coordenação proposta por Haspelmath (2007).

2.1.3 A abordagem de Haspelmath (2007)

Ainda sobre coordenação, Haspelmath (2007), assim como Payne (1985), apresenta um estudo sistemático sobre o fenômeno e refere-se ao termo como construções de frases em que duas ou mais unidades de mesmo tipo são combinadas dentro de uma unidade maior e possuem relação semântica com outros constituintes. De acordo com ele, as unidades podem ser de: verbos, nomes, orações subordinadas e orações completas. Dentro desse contexto, essas unidades são apresentadas pelo teórico, o qual apresenta os seguintes exemplos na língua inglesa:

(21)

- a. My husband supports **and** adores Juventus Turin. (verbos)
‘Meu marido apoia e adora o Juventus Turin’.
- b. My uncle **or** your in-laws **or** the neighbours will come to visit us. (nomes)
‘Meu tio ou seus sogros ou os vizinhos virão nos visitar’
- c. I realize that you were right **and** that I was mistaken. (orações subordinadas)
Eu percebo que você estava certo e que eu estava enganado

d. The Pope dissolved the Jesuit order, **and** all the Indian missions were abandoned. (orações completas)

O papa dissolveu a ordem jesuíta, e todas as missões indianas foram abandonadas.

O autor ainda apresenta, de forma sistemática, as possibilidades de coordenação de uma construção e posições dos coordenadores. No esquema a seguir, os termos coordenados são representados por **A** e **B** e os coordenadores por **co**:

- | | |
|---------------------|--|
| a. (assindética) | AB |
| b. (monossindética) | A co-B (prepositiva, no segundo termo coordenado) |
| | A-co B (pospositiva, no primeiro termo coordenado) |
| | A B-co (pospositiva, no segundo termo coordenado) |
| c. (bissindética) | co- A B (prepositiva, no primeiro termo coordenado) |
| | co-A co-B (prepositiva) |
| | A-co B-co (pospositiva) |
| | A-co co-B (mista) |
| | co-A B-co (mista) |

(HASPELMATH, 2007, p. 6).

No esquema acima, as assindéticas referem-se às chamadas justapostas, ou seja, à coordenação sem a ocorrência de marcadores; as monossindéticas possuem quatro pares de possibilidades e podem apresentar um coordenador em um dos termos coordenados e por fim, as bissindéticas que ocorrem quando dois coordenadores estão presentes em cada um dos termos coordenados. Além dos tipos e posições dos coordenadores representados no esquema, sobretudo as bissindéticas, o autor também destaca que todas as línguas parecem permitir um número indefinido de coordenadores, principalmente no que se refere a conjunção e disjunção; ao tratar de *multiple coordinands*, à exemplo da posição **A-co B-co C-co...**, a qual ocorre em diferentes línguas naturais.

Entre as classificações apresentadas podem ser destacadas as seguintes:

- **Coordenação enfática:**
- Conjunção e disjunção

O que distingue uma oração coordenada enfática das outras é explicado pelo ponto de vista semântico segundo Haspelmath (2007), que afirma que cada coordenada enfatizada pertence à coordenação como um todo na oração, exigindo que os termos coordenados sejam considerados separadamente.

- Coordenação negativa enfática

No âmbito da negação, o autor considera que a coordenação negativa enfática é uma forma restrita a contextos negativos com coordenadores correlativos e que podem ser destacados alguns exemplos dessa natureza nas línguas Inglesa, Alemã, entre outras: “English: neither ...nor; either...or /German: weder ... noch; entweder...oder; either... or” (HASPELMATH, 2007, p.17). Também acrescenta que quando uma língua não apresenta essa marcação especial para a negação, ela pode usar coordenadores disjuntivos ou conjuntivos enfáticos para estabelecer essas relações.

- **Tipos de coordenadores**

Nesse ponto, Haspelmath (2007) trata sobre as funções semânticas entre esses tipos de construções. Destaca também a impossibilidade de coordenar em alguns casos:

1º caso: Duas expressões que possuem diferentes funções semânticas;

2º caso: Duas expressões pertencem à mesma categoria de frase, mas têm uma função semântica diferente.

3º caso: Duas expressões sintaticamente diferentes com mesmo papel semântico.

No contexto considerado entre os três teóricos, é possível verificar que diferentemente do que foi proposto nos postulados de Payne (1985) sobre a coordenação, a teoria de Haspelmath (2007), no segundo volume do mesmo livro intitulado *Language typology and syntactic description*, apresenta de forma sistemática que pode ser verificado por meio das classificações apresentadas, os tipos e posições dos coordenadores, bem como acrescenta novos pontos para análise, tais como a elipse em coordenação e a delimitação desse fenômeno. As coordenadas em ambientes negativos também recebem mais destaque nos estudos do autor, de modo que explora nas línguas naturais as coordenadas negativas enfáticas. No entanto, as “formas não-marcadas” em Payne (1985) foram mais descritas que em Haspelmath (2007) com o padrão AB (assindéticas). Desse modo, pode-se dizer que a segunda proposta contribui de forma significativa com a primeira, a qual também é fundamental para os estudos nessa temática. São, portanto, estudos complementares.

Por seu turno, a proposta de Mithun (1989), se diferencia no sentido de lançar questionamentos a partir do que observa em comum em seus estudos sobre coordenação, assim como traça alguns apontamentos gerais sobre a variação na classificação dos marcadores formais; e aponta para a necessidade de uma gramaticalização das conjunções.

No capítulo seguinte, serão apresentados do ponto de vista tipológico-funcional alguns estudos sobre as construções coordenativas em diferentes línguas naturais.

3 COORDENAÇÃO EM ALGUMAS LÍNGUAS NATURAIS

3.1 Estudos sobre coordenação em diferentes línguas naturais

Neste tópico serão apresentadas algumas estratégias de coordenação em diferentes línguas naturais, tais como as línguas Swahili (Bantu) em Taniguchi (2013); Asurini do Xingu (Tupi-Guarani) em Pereira (2009); o Grego em Manolassou e Tsolakidis (2009) e Kasana (2011); e o Japonês em Hakuta, Villiers e Tager-Flusberg (1980).

3.1.1 Língua Africana Swahili (Bantu)

Segundo Taniguchi (2013), o Swahili é uma língua Bantu polissintética⁸ falada na Costa leste da África, no Quênia e na Tanzânia. Essa língua possui um sistema de classe para os substantivos na sua gramática, assim como muitas línguas Bantu. Nessa língua, a concordância com o verbo é obrigatória, com o objeto é obrigatória para substantivos animados e opcional para os substantivos inanimados. A coordenação nominal na língua Swahili é organizada por Taniguchi (2013) de duas formas: coordenação do assunto e do objeto. O autor apresenta alguns dados de coordenação do assunto na língua com falantes nativos de Swahili:

(22) Sujeito animado- coordenação do assunto em Swahili

Mwanamume **na** mtoto wa-li-chek-a
 man.1SG and child. 1SG1PL-PST-laugh-FV
 ‘the man and the child laughed’
 ‘O homem e a criança riram’

(23) Sujeito inanimado- coordenação do assunto em Swahili

Mguu wa meza **na** kiti ki-me-vunj-ik-a
 leg.3SG of table and chair.7SG 7SG-PERF-break-PSV-FV
 ‘The leg of the table and the chair are broken’
 ‘A perna da mesa e a cadeira estão quebradas’

⁸ De acordo com Pria (2006), as línguas polissintéticas utilizam afixos e frequentemente incorporam o que outras línguas expressariam por nomes e advérbios a elementos que se aproximam de verbos.

De acordo com os dados apresentados, a língua Swahili coordena nomes animados como ‘homem’ e ‘criança’ em (22) e inanimados como ‘perna da mesa’ e ‘cadeira’ em (23), ambos por meio da conjunção coordenativa aditiva ‘na’.

3.1.2 Língua Indígena Asurini do Xingu (Tupi-Guarani)

A língua Asurini do Xingu é classificada segundo Rodrigues e Cabral (2002) como pertencente ao grupo V, da família Tupi-Guarani, junto com Araweté, Ararandewára-manáje e Anabé do Cariri; enquanto o Asurini do Tocantins- segundo grupo da língua Asurini- é classificado no grupo da família IV. O povo Asurini do Xingu localiza-se à margem direita do rio Xingu, no município de Altamira/ Pará. Sobre a situação sócio-comunicativa desse povo, Pereira (2009) afirma:

O Asurini é uma língua, como tantas outras línguas, de tradição exclusivamente oral, é falada por aquele grupo de índios que habitam a aldeia Kwatinemu. A língua é usada na comunicação entre os Asurini mais velhos e está sendo aprendida pelas crianças como primeira língua. Acima dos 40 anos, são poucos os Asurini que falam e/ou entendem o Português. Mas já existe na aldeia um acentuado grau de bilinguismo, de forma que a comunicação diária entre os adolescentes e entre as crianças ora se dá em Português, ora em Asurini do Xingu, tendo diversas ocasiões em que um pergunta em Asurini do Xingu e o outro responde em Português e vice-versa (PEREIRA, 2009, p. 54).

Com relação às sentenças complexas, a autora trata as coordenadas e subordinadas na língua em questão. No que se refere ao comportamento das coordenadas, Pereira (2009) afirma que a língua Asurini do Xingu vale-se de recursos como os de justaposição ou estratégia zero (PAYNE, 1986) e conjunção para coordenar unidades de mesmo nível gramatical como pode ser destacado nos exemplos abaixo:

(24) Justaposição:

mani’aka a-py’yk futat u’i a-apa futat
 mandioca 1-pegar Vol farinha 1-fazer Vol
 ‘eu quero pegar mandioca e quero fazer farinha’

(25) Conjunção:

a-dje-mumy’a aeramu a-dja’a

1-Refl-estar.triste Conj 1-chorar

‘eu estou triste por isso eu choro’

Além dos mecanismos de coordenação nessa língua, outros aspectos atrelados aos supracitados podem ser apontados, como por exemplo, os que compreendem relações de coordenação que podem ser conjuntiva, adversativa e disjuntiva. A seguir, são apresentados alguns exemplos dessas estratégias na língua Asurini:

Coordenação conjuntiva: Do tipo p e q de Payne (1985), são expressas na língua por estratégia zero nos dados seguintes:

(26) ga arakuri u-djuka djautxi u-djuka

3sg.Mas galinha 3-matar jabuti 3-matar

‘ele matou galinha e matou jabuti’

(27) ga a-vyki ga aha ka-ve

3sg 1-bater 3sg.Mas ir roça-Posp

‘eu bati nele e ele foi para a roça’

De acordo com Pereira (2009), esse tipo de coordenação pode ser expressa também por três elementos idênticos a três dêiticos: “Nesse contexto parecem funcionar como conjunção, são eles: **a’e**, **ie** e **iga**” (PEREIRA, 2009, p. 295).

(28) dje myra a-etxak manuew a-etxak benignu a-etxak **a’e**

1sg Npr 1-ver Npr 1-ver Npr 1-ver Conj?

‘eu conheço Myra, Manuel e também conheço Benigno’

(29) myra manuew u-etxak benignu u-etxak antonia u-etxak **ie**

Npr Npr. 3-ver Npr 3-ver p Npr 3-ver Conj?

‘Myra conhece Manuel, Benigno, conhece também Antonia’

Coordenação adversativa

As coordenações adversativas na língua Asurini foram analisadas por Pereira (2009) com base nos pressupostos de Payne (1985), o qual classifica essas estratégias como **p e não q**, **não p e q** e **rejeição**.

(30) Com justaposição: p e não q

autamira-ipe aha n-aha-i dje ø-memyra
 Npr-loc ir neg-ir-neg 1sg-Rel-filho
 ‘eu vou para Altamira, mas meu filho não vai’

(31) arakuri ere-djuka n-ere-djuka-i djakare

galinha 2-matar neg-2-matar-neg jacaré
 ‘tu mataste galinha, mas não mataste jacaré’

(32) Com parataxe: verbos de sentidos opostos

tapi’ira a-py’yk aha e
 anta 1-peguei ir 3sg
 ‘peguei a anta, mas (e) ela fugiu de mim’

(33) Com ‘não p e q’

murera n-aty-i i-fuku ga
 Npr neg-ser.forte-neg 3-alto 3sg.Mas
 ‘Murera não é forte, mas é alto’

(34) Com ‘rejeição’

ka’i n-a-‘u-i aite n-a-‘u-i
 macaco neg-1-comer-neg jia neg-comer-neg
 ‘eu não como macaco e nem como jia’

(35) Marcada: ‘Contra-expectativa’

paje **djepe** u-aha n-u-furu-mukatyru-i
 pajé Part 3-ir neg-3-Gn-rezar-neg
 ‘o pajé foi, mas não rezou’

(36) Marcada: ‘Preventiva’

mu’yra e-rut dje ve n-uru-mu-‘ei-i padje nu
 missanga 2sgII-trazer 1sg Posp neg-1Pl-caus-ensinar-neg Part. Part
 ‘traga missangas para mim senão nós não te ensinamos’

(37) Coordenação disjuntiva

Do ‘tipo p ou q’: relação de escolha (PAYNE, 1985)

ere-marakani_g pe’e ere-furaj pe’e

2-cantar Part 2-dançar Part

‘você canta ou você dança!?’

(38) u-futat n-u-futar-i

3-querer neg-3-querer-neg

‘ele quer ou não quer’

Com bases nos dados das coordenadas na língua Asurini e nos pressupostos de Payne (1985), Pereira (2009) apontou nessa língua a coordenação dos tipos conjuntiva, adversativa, disjuntiva, entre outras. Com relação às conjuntivas, analisou como construções que se expressam por meio da estratégia zero; nas adversativas foram verificados casos com justaposição (parataxe), com formas marcadas (contra- expectativa e preventiva); por sua vez, na coordenação disjuntiva foram verificadas formas do tipo ‘p ou q’, as quais consistem em uma relação de escolha.

3.1.3 Grego

O grego é considerado por estudiosos como a única língua europeia em que apenas uma palavra foi capaz de constituir um composto coordenado. Nesse sentido, os autores Manolessou e Tsolakidis (2009), no artigo intitulado *Greek coordinated compounds: synchrony and diachrony*⁹, apontaram uma visão geral diante de uma perspectiva histórica do grego que aborda critérios morfológicos e semânticos para sua classificação e apresenta exemplos dos dialetos grego clássico, grego medieval e grego moderno. Esses casos raros chamados ‘compostos coordenados’, de acordo com os autores, são combinações de nomes com um único referente como se vê nos seguintes exemplos da literatura medieval vernacular do século XII:

⁹ Compostos coordenados em Grego: Sincronia e diacronia.

- (39) Καρυδοκουκουνάρια < καρύδια + κουκουνάρια
Ptochoprodromos 2.44
 /kariðokukunaria/ < kariðia/ + /kukunaria/
 ‘walnuts and pine nuts’ < ‘walnuts’ + ‘pine nuts’
 ‘Nozes e pinhões’

Além dos dados de coordenação com compostos do grego medieval, a tese *Agreement in Modern Greek Coordinate Noun Phrases* de Kasana (2011) apresenta dados da língua Grega moderna e apresenta substantivos animados masculinos coordenados juntamente com outros substantivos, quer sejam eles masculino, feminino ou neutro, respectivamente:

- (40) O Petros **ke** o Janis
 the. masc.sg Peter.masc.sg and the.masc.sg John.masc.sg
 ine kurasmen-i. I dulia tus exi eksantlisi.
 are.PL tired.masc.pl. The job them.masc.pl has exhausted
 ‘Peter and John are tired. The work has exhausted them’ (constructed)
 ‘Peter e John estão cansados. O trabalho os esgotou’.
- (41) O pateras **ke** i mitera
 the. masc.sg father.masc.sg and the.fem.sg mother.fem.sg
 ine kurasmen-i. I zoi tus ine disloli **ke** apetitiki
 are.pl tired.masc.pl The life their.masc.pl is difficult and demanding
 ‘The father and mother are tired. Their life is difficult and demanding’
 (constructed)
 ‘O pai e a mãe estão cansados. A vida deles é difícil e exigente’
- (42) O Kostas **ke** to pedi tu
 the.masc.sg Kostas.masc.sg and the.neut.sg child.neut.sg his
 ine poli exipn-i
 are.pl very clever.masc.pl
 ‘Kostas and his child are very clever’ (constructed)
 ‘Kostas e seu filho são muito inteligentes’

Com base nos dados do grego moderno apresentado pelo autor, é possível verificar a coordenação por meio da conjunção ‘ke’ coordenando nomes masculinos, masculinos e femininos, bem como masculinos e neutros em sentenças complexas. Além disso, quando os nomes coordenados possuem o mesmo gênero, esse gênero é usado na coordenação. Por outro lado, quando os nomes coordenados denotam gêneros distintos, o masculino torna-se o padrão esperado na língua, semelhantemente como ocorre em Português em exemplos como ‘o menino e a menina são espertos’ ou ‘o garfo e a faca estão sujos’.

3.1.4 Japonês

Segundo Hakuta, Villiers e Tager-Flusberg (1980), as sentenças coordenadas em Japonês são marcadas no nome por partículas posposicionais. Os autores destacam ainda que, ao contrário da língua inglesa, por exemplo, o japonês apresenta diferentes morfemas que corresponderiam ao ‘and’. Nos exemplos que seguem é possível verificar uma dessas ocorrências com a marcação da partícula posposicional ‘to’ na língua Japonesa:

- (43) saru-**to** tanuki-ga onigiri-o tabeta
 monkey-and raccoon-subj riceball-obj. ate
 ‘O macaco e o guaxinim estavam comendo bolos de arroz’.

(HAKUTA; VILLIERS; TAGER-FLUSBERG, 1980, p. 197).

- (44) John –ga [Mary-**to** Bill-o] mita
 John- NOM Mary-and Bill-ACC saw
 ‘Jonh and Mary saw Bill.’

Nesses termos, a partícula ‘to’ é considerada nessa língua como um coordenador de nomes nas sentenças. Além disso, para Vermeulen (2006) um fato curioso é que a partícula pode coordenar ‘não constituintes’ sintáticos. Em (45), a seguir, por exemplo, cada conjunto é composto de um objeto indireto, um objeto direto e um quantificador:

- (45) Mary-ga [[John-ni ringo-o 2-tu]-to [Bob-ni banana-o 3- bon]] ageta
 Mary-NOM Jonh-to apple-ACC 2-CL and Bob-to banana-ACC 3-CL gave
 ‘Mary gave [two apples to John] and [three bananas to Bob]’
 ‘Maria deu [duas maçãs a John] e [três bananas a Bob]’

De sorte que a apresentação sobre os aspectos de coordenação em algumas línguas naturais não tem o objetivo de ser exaustiva em si mesma, no entanto procura destacar os principais mecanismos de coordenação que podem ser verificados entre essas línguas, como por exemplo, casos em que a língua é marcada por conjunções como em Swahili, Asurini e no Grego moderno. Por outro lado, foram vistas formas raras de compostos coordenados no grego medieval (perspectiva diacrônica), bem como de partículas posposicionais no caso do Japonês. Diferentes estratégias em línguas diferentes reforçam a afirmação de que praticamente todas as línguas possuem determinadas maneiras para coordenar suas sentenças e que muitos padrões podem ser comparados com ocorrências de outras línguas.

No próximo subitem serão apresentados aspectos inerentes à coordenação em línguas indígenas da família Jê do Norte.

3.2 A coordenação em línguas Jê: conjunções e mecanismo de *switch-reference*

Neste tópico foram compilados alguns estudos sobre as orações complexas coordenadas em oito línguas indígenas da família linguística Jê setentrional: Mebengokre em Stout e Thomson (1974); Panará em Dourado (2001); Parkatêjê em Ferreira (2003); Canela Apãniekrá em Alves (2004); Apinajé em Oliveira (2005); Krahô em Miranda (2014); Kîsêdjê em Nonato (2014) e Tapayuna em Camargo (2015). Entre elas, três línguas são pertencentes ao complexo dialetal Timbira: Canela Apãniekrá, Parkatêjê e Krahô; conforme a classificação de Rodrigues (1999).

3.2.1 A família linguística Jê

Sabe-se que a família linguística Jê é composta pelo maior número de línguas, bem como do maior complexo de dialetos do tronco Macro-Jê. Em *Comparative Jê phonology*, Davis (1966) realizou um estudo genético-comparativo com as cinco línguas que considerou formadoras desse grupo linguístico, tais como o Apinayé, o Canela, o Xavante, o Kaingang e o Suyá. A classificação de Rodrigues (1999) é similar às realizadas por Davis (1966) e divide as línguas nos ramos setentrional, central e meridional.

Figura 5 - Classificação das línguas Jê de acordo com Rodrigues (1999)

- | |
|---|
| <p>a. Jê norte-oriental</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. +Jaikó <p>b. Jê setentrional</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Timbira (incluindo Canela Ramkokamekrã, Canela Apanyekrã, Gavião Piokobjé, Gavião Parakatejé, Krinkatí, Krahô, Krenjé; loc.: MA, PA, TO; pop.: 2.800) 2. Apinajé (loc.: N TO; pop.: 720) 3. Kayapó ou Mebengokré (incluindo A'ukré, Gorotíre, Kararaô, Kikretum, Kokraimóro, Kubenkrankén, Menkrangnotí, Mentuktíre, Xikrin; loc.: E MT, SE PA; pop.: 5.000) 4. Panará (loc.: N MT, SW PA; pop.: 160) 5. Suyá (incluindo Tapayúna; loc.: PIX MT; pop.: 213 S., 58 T.) <p>c. Jê central</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Xavante ou A'uwen (loc.: SE MT, antes W e N (GO/TO; pop.: 9.000) 2. Xerente ou Akuwen (loc.: TO; pop.: 1.550) 3. +? Xakriabá (loc.: NW MG; pop.: 5.700, prov. 0 falantes) 4. +? Akroá (E GO, S MA) <p>d. Jê meridional</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Kaingáng (incluindo K. de São Paulo, K. do Paraná, K. Central, K. do Sudoeste e K. do Sueste (loc.: SP, PR, SC, RS; pop.: 20.000) 2. Xokleng (loc.: SC; pop.: 1.650) 3. +? Ingáin (NE Argentina, SE Paraguai) |
|---|

Fonte: Rodrigues (1999, p. 284).

Nota-se, no que diz respeito ao número de línguas do subgrupo Jê setentrional, uma resistência maior desses povos em relação as suas respectivas línguas, em virtude, possivelmente, de comunidades mais afastadas/isoladas e resistentes ao processo devastador da colonização que explorou recursos naturais; e dizimou comunidades indígenas inteiras no Brasil e em outros países.

As línguas da família linguística Jê estão inseridas no tronco Macro-Jê e possuem séries de complexos dialetais (Akwén, Kaingáng, Kayapó, Suyá e Timbira). O maior número de dialetos concentra-se no complexo dialetal Timbira. Segundo Alves (2004), esses povos apresentam algumas diferenças linguísticas e até mesmo socioculturais, mas apesar desses pontos, compartilham características como a música, o corte de cabelo, a morfologia da aldeia e a corrida com toras, por exemplo.

Evidências de relações genéticas entre as línguas da família linguística Jê foram inicialmente apontadas por Seki (1989) ao analisar e destacar relações entre o Suyá e o Tapayuna. Nesse trabalho, a autora demonstrou, por meio das comparações fonéticas e lexicais entre correspondências consonantais, que há grande proximidade fonético-lexical entre os dados das línguas Suyá e Tapayuna.

3.2.2 Língua Mebengokre (Kayapó)

Stout e Thomson (1974) apontam aspectos importantes sobre as conjunções utilizadas para marcar relações gramaticais entre as unidades do discurso. De acordo com os autores, a língua Mebengokre (Kayapó) apresenta três “morfemas conectivos” (‘nẽ’, ‘nhũm’, e ‘kãm’) que marcam relações entre as partes de uma narrativa (participantes, ações e níveis de sentença) como pode ser visto nos seguintes exemplos:

(46) ba kubĩ **nẽ** kukrẽ

‘I kill it and eat it’

‘Eu mato e como’

(STOUT; THOMPSON, 1974, p. 4).

(47) kũm kabẽ **nhũm** ku’ê

‘He spoke to him and he (the other) just stood there’

‘Ele falou com ele e ele (o outro) ficou parado lá’

(STOUT; THOMPSON, 1974, p. 4).

Os dados apresentados neste importante trabalho, apesar de escassos, apontam a marcação de switch-reference nessa língua, dessa forma, o conectivo ‘nẽ’ marca no discurso a referência para o mesmo sujeito e o conectivo ‘nhũm’ para o sujeito diferente.

3.2.3 Língua Panará

O Panará, como língua indígena pertencente à família Jê, encontra-se agrupado juntamente às línguas Kayapó, Suyá (Tapayuna), Apinajé, entre outras línguas Timbira. Entretanto, conforme aponta Dourado (2001), essa língua é composta por aspectos morfossintáticos peculiares, os quais a distinguem das demais línguas da família Jê. Entre os aspectos principais destacam-se, por exemplo, o sistema de classificadores nominais, a incorporação nominal/posposicional e as construções seriais.

Sobre o processo sintático de articulação em coordenadas, Dourado (2001) afirma que a língua Panará não apresenta formas marcadas de coordenação em orações coordenadas. De forma que nessa língua, esses tipos de orações são combinadas por uma pausa entonacional entre si e com contorno de altura não-final. Alguns tipos de relações lógicas foram

encontradas na língua Panará: conjunção; disjunção e a contradição. Seguem alguns desses casos:

(48) Conjunção

mara yi =∅ =tɔ puu tã
 ela.ABS REAL.INTR =3SG.ABS =ir roça ALA
 yi =hɔw =∅ =po pakua hɔ
 REAL.INTR =ICOM =3SG.ABS =chegar banana ICOM
 'ela foi pra roça e trouxe mandioca.' (DOURADO, 2001, p. 181, ex. 461).

(49) Disjunção

ka ka =ti =ra =kõ =a-kui ãkyẽ kõ
 você.ABS IRR =2SG.NOM =1SG.ABS =COM =MS-ir eu COM
 ãkyẽ ka =∅ =kui rõ
 eu.ABS IRR =1SG.NOM =ir NEG
 'ou você vai comigo ou eu não vou (DOURADO, 2001, p. 182, ex. 463).

(50) Contradição

kiompɛ ka =ti =tɔ muu tã
 Kiompé IRR=3SG.NOM=ir Brasília ALA
 ka =ti =pi =po
 IRR=3SG.NOM=DIR=chegar
 'Kiompé vai para Brasília, mas vai voltar.' (DOURADO, 2001, p. 182, ex. 465).

Como é possível verificar nos dados da língua Panará, não há marcação para qualquer das três formas encontradas nessa língua até aquele momento por Dourado (2001). Ou seja, não há conjunção ou estratégia sintaticamente marcada nos enunciados da língua que permita compará-la as outras línguas do subgrupo, esse fato pode evidenciar, de alguma forma, um distanciamento no comportamento linguístico- sobre coordenação- do Panará em relação às outras línguas da família Jê do norte.

3.2.4 Língua Parkatêjê (Timbira)

Em Parkatêjê, língua indígena a qual é dada atenção nesta pesquisa, Ferreira (2003) verificou a presença de um par de formas marcadas por meio de conjunções, uma para o sujeito idêntico (SS) e a outra para o sujeito diferente (DS) nas orações coordenadas. As referidas formas sinalizam o fenômeno de *switch-reference* na língua conforme se destaca nos seguintes dados apresentados pela autora:

Quadro 4 - Marcas de *switch-reference* em Parkatêjê

Conjunções	
Sujeito idêntico- SS	Sujeito diferente- DS
nã	mã

Fonte: Ferreira (2003, p. 95).

(51) infũm te mĩre koran **nã** Ø-te kukrit pĩr
 meu.pai Erg jacaré matar **SS** Erg anta matar+Pas
 ‘meu pai matou jacaré e matou anta’ (FERREIRA, 2003, p. 183, ex. 349).

(52) i-te to jatĩ koran **nã** amnẽ api mã tẽ
 1-Erg fazer veado matar **SS** para.cá voltar Loc ir
 ‘eu matei veado e vinha voltando para cá’ (FERREIRA, 2003, p. 183, ex. 350).

(53) infũm te mĩre koran **mã** infũmti te kukrit pĩr
 meu.pai Erg jacaré matar **DS** meu.tio Erg anta Onc-matar+Pas
 ‘meu pai matou o jacaré e meu tio também matou anta’
 (FERREIRA, 2003, p. 183, ex. 351).

(54) i-te aipi ptir dʃĩner kot **mã** dapiew te i-mã miw heay hõr
 1-Erg AP sonhar dinheiro com **DS** Daniel Erg 1-Dat mil reais dar+Pas
 ‘eu sonhei com dinheiro e o Daniel me deu mil reais’
 (FERREIRA, 2003, p. 183, ex. 352).

Os exemplos acima ilustram o processo de coordenação de sentenças na língua Parkatêjê: a conjunção **nã** marca a ocorrência de sentenças com sujeitos iguais em (51) e (52).

Por sua vez, a conjunção **mã** marca a ocorrência dos sujeitos diferentes nas orações complexas dessa língua nos dados (53) e (54).

3.2.5 Língua Canela Apãniekrá (Timbira)

As coordenadas em Canela Apãniekrá, conforme os estudos de Alves (2004), podem ser comprovadas pelas estratégias do sistema de *switch-reference* da língua com a possibilidade de marcação para sujeito transitivo ou intransitivo (S) em todas as coordenadas. Dessa maneira, a autora acredita que não é possível considerar que as coordenadas e subordinadas se oponham como é comumente visto na gramática tradicional, visto que as coordenadas também são formadas por orações principais e uma ou mais sentenças dependentes. Outra evidência apontada para explicar essa questão é de que o sistema de *switch-reference* é também uma característica das subordinadas relativas e completivas, de acordo com sua descrição.

Assim, conforme Alves (2004), em Apãniekrá é possível organizar os mecanismos de co-referenciação para as coordenadas em $S_1=S_2$ (quando o sujeito da oração principal é o co-referente com o sujeito da oração dependente- conjunção *nε*); $S_1 \neq S_2$ (3ª pessoa- conjunção *mã*) e $O_1=S_2$ (quando o objeto da primeira oração é co-referente com o sujeito da segunda- conjunção *mã*). A seguir, alguns exemplos das referidas formas de co-referenciação em Apãniekrá:

(55) $S_1=S_2$

wa ha poj nε Ø a-pupu

1 IRR chegar CONJ co-ref 2-ver

'eu vou chegar e te ver'

(ALVES, 2004, p. 143, ex. 874).

(56) $S_1 \neq S_2$ (3ª pessoa)

i-te hũmre pupun mã Ø ma te

1-ERG homem ver CONJ 3 DIR ir

'eu vi o homem e ele foi embora'

(ALVES, 2004, p. 144, ex. 880).

(57) $O_1=S_2$

pedro te João pupun mã João mɔr

Pedro ERG João ver CONJ João Ir

'Pedro viu o João e João foi embora'

(ALVES, 2004, p. 144, ex. 882).

Diante dos dados verificados em Alves (2004), percebe-se a apresentação de três formas distintas nesta língua, na primeira em (55) com a conjunção *ne* na marcação de sujeitos semelhantes; e nas seguintes (56) e (57) que parecem ser correspondentes, ambas com a conjunção *mã* marcando sujeitos distintos.

3.2.6 Língua Apinajé

Com relação às orações complexas em Apinajé, Oliveira (2005) aponta os casos com mecanismo de *switch-reference* que ocorrem na língua por meio de padrão nominativo com as conjunções *nē* e *nũm*, respectivamente, para sujeitos iguais e diferentes. Abaixo seguem alguns exemplos dessas formas nas orações em Apinajé:

(58) dɔm kɔt ka a-bra tɔč nē

well IRLS 2 2-run fast FCT

nē [[a-mə nī pram] čwəŋ] ja] rɛ **nē** rī a-nī

SS 2-DAT have.sex wish NMLZ DET outrun **SS** may 2-h.s.

dɔ kɔt kaj ø-rɛ ket=nē, **nē** ø-nī ket=ne

but IRLS 2.IRLS 3-outrun NEG **SS** 3-have.sex NEG

'Well, if **you** run really fast and outrun the one **you** want to have sex with, then **you** may have sex with her. But if **you** don't outrun her, then **you** may not have sex.'

'Bom, se você correr muito rápido e ultrapassar aquela com quem deseja fazer sexo, então você pode fazer sexo com ela. Mas se você não a ultrapassa, então você não pode fazer sexo.'

(OLIVEIRA, 2005, p. 259, ex. 90a).

(59) miti krē pa **nē** kir kamə kə, krə, i či pa

alligator eat CNCL **SS** moquia LOC skin head bone put CNCL

'(They) ate the alligator and put its skin, head, bones all into the roasting place.'

'(Eles) comeram o jacaré e colocaram a pele, a cabeça, os ossos no lugar de assar.'

(OLIVEIRA, 2005, p. 259, ex. 90b).

(60) kot paj aroj kugən pa nē pəŋ ø-katō pa
 IRLS 1.IRLS rice thresh CNCL SS after 3-roast CNCL
 nē pəŋ ku- čī **juṃ** nō nē ø-akri
 SS after 3-put 3.DS lie SS 3-cold
 ‘Vou cortar o arroz, assar, colocá-lo em uma superfície plana, então ele vai ficar lá e esfriar’

(OLIVEIRA 2005, p. 260, ex. 90c).

De acordo com os dados verificados nos dados supracitados de Oliveira (2005), o Apinajé apresenta, em pequenos textos, o uso recorrente das conjunções que marcam o mecanismo de *switch-reference*.

3.2.7 Língua Krahô (Timbira)

Em Krahô, Miranda (2014) apresenta em sua tese os tipos de orações e suas combinações por coordenação e subordinação. Dessa forma, o autor organiza as orações em independentes/coordenadas e dependentes/subordinadas. As coordenadas em Krahô estão divididas em coordenadas justapostas, conjuntivas, disjuntivas, contrajuntivas e conclusivas. Dessa forma, serão apresentadas algumas considerações gerais sobre as orações coordenadas consideradas e descritas por Miranda (2014) para a língua Krahô:

Justapostas

De acordo com Miranda (2014), a justaposição é definida por não apresentar elementos gramaticais que permitem relações entre duas ou mais orações adjacentes. Destaca também que a ocorrência desse tipo de construção é mais usualmente encontrada em textos míticos e relatos indígenas.

(61) ajkə amjĩ ø -tə pro-rɛ nē ajkə ø -kām ø -ajtsw
 IMPERF REFLX R²-fazer sapo-ATEN MS IMPERF R²-LOC R²-cair.PL
 [pe ajkə amjĩ tetɛ ku-rē, ku-rē, ku-rē, ku-rē]
 RETRS IMPERF REFLX para.fora R²-jogar R²-jogar R²-jogar R²-jogar
 ‘(Katse k^hwəj) Fez-se como sapinho e caía (várias vezes) nele (no peito do rapaz) e ele a jogava para fora, a jogava, a jogava, a jogava’.

Como observado, a justaposição no dado fornecido é posterior à uma primeira sentença coordenada por *nê*, por este motivo, talvez, o autor considere a usualidade dessa ocorrência em textos míticos, pois diante de um contexto menos monitorado o falante da língua possui uma tendência maior de não utilizar todos os marcadores de referência.

Conjuntivas

“As orações coordenadas conjuntivas são conectadas por meio dos morfemas *nê* e *mã*, os quais indicam se as orações compartilham referência idêntica (MS) ou referência disjunta (SD) respectivamente.” (MIRANDA, p. 184, 2014).

- (62) pɛa mã ramã mẽ h-ũ Ø-kak^ho-r Ø-tɔ mẽ
então já PL R²-DEIT R²-assoviar-NOMLZ R²-ASS.INSTR PL
ajk^hot, Ø -pra-Ø **mã** jũm ita apu h-õ ãn-tse Ø -mã:
atrás.de R²-andar-NOMLZ **SD** alguém DEM PROG R²-REL R²-mãe R²-DAT

‘Então houve o assoviar deles [com as mãos] e houve o andar deles um atrás do outro, e este alguém [o rapaz] está dizendo para a mãe dele’.

(Então eles assoviaram [com as mãos] e eles andaram um atrás do outro e alguém [o rapaz] está dizendo para a mãe dele).

No exemplo (62), pode-se perceber que a oração coordenada conjuntiva (SD) é marcada por *mã* após o verbo *pra*, similar ao que ocorre no Parkatêjê, no qual as conjunções *nã* e *mã* também posicionam-se após o verbo.

Disjuntivas

As orações disjuntivas, de acordo com Miranda (2014), são coordenadas por meio do morfema *ket* ‘ou’, o qual também pode coordenar sintagmas de maior grau de complexidade como verificado a seguir:

- (63) ka amĩj Ø -mã wapɔ Ø-pĩ **ket** ka ha i Ø -mã iʔ-kaka
2SG REFLX R¹-DAT faca R¹-pegar **DISJ** 2SG IRR 1SG R¹-DAT R²-deixar
‘Você pega o facão para si ou você vai deixar para mim’.

Contrajuntivas

Em seu turno, as orações coordenadas contrajuntivas marcam oposição semântica ou expressam negação da expectativa. “Do ponto de vista formal, as orações que marcam

oposição semântica usam como equivalente funcional os conectivos *ně* e *mã* e a negação do segundo predicado” (MIRANDA, p. 188, 2014).

- (64) i ø-tε a j-ikaj-ø **mã** hirmã a ø-mõ-r nare
 1sg R¹-OBL 2sg R¹-esperar-NOMLZ **SD** para.lá 2SG R¹-ir-NOMLZ NEG
 ‘Houve o esperar de ti por mim, e não houve o ir de ti para lá’ (Eu te esperei e você não foi para lá)

Conclusivas

Conforme o estudo do mesmo autor, as orações conclusivas expressam o resultado de um acontecimento em relação a outro. E podem ser marcadas pela expressão *k^hot (mã)* ‘por isso’:

- (65) **K^hot mã** pe ampø ita-je Ø -nã mẽ h-ũmprewø
 por.isso RETRS algo DEM-PL R¹-em.relação.a PL R²-cunhado
 Ø -tø iʔ-himpej-Ø partu
 R¹-ASS.INSTR R²-ensinar-NOMLZ COMPL

‘Por isso houve todo o ensinar aos cunhados destas coisas todas por ela (Katse k^hwøj) (Por isso, ela [Katse k^hwøj] ensinou os cunhados dela todas estas coisas).

Conforme as classificações para as orações coordenadas em Krahô apresentadas por Miranda (2014), é possível perceber que a língua apresenta diferentes conjunções como formas marcadas de mecanismo, além de coordenar também por meio de justaposição (parataxe), classificação essa que o autor aponta ser mais fácil de ser identificada em relatos míticos.

3.2.8 Língua Kĩsêdjê

A língua indígena Kĩsêdjê é próxima do Tapayuna, mais estritamente no que se refere aos aspectos fonéticos, fonológicos e lexicais como pode ser verificado nos estudos de Seki (1989). Por sua vez, Santos (1997), ao descrever os aspectos morfossintáticos dessa língua, aborda as orações independentes com enfoque na transitividade e marcação de caso. Dentre as orações independentes analisadas pelo autor, somente as perguntas alternativas podem ser consideradas complexas coordenadas, como pode ser verificado a seguir nos exemplos:

(66) a- 'tem mã a- 'tem 'ket mã
 2ps ir posp 2ps ir neg posp
 ‘Você vai ou você não vai?’ (SANTOS, 1997, p. 151, ex. 374).

(67) wə'tə -n 'ka ka're 'kuru mã 'tewe **ya'nti** 'mbri ɲ-ĩ **ya'nti**
 int top 2ps 2ps comer posp peixe ou bicho rel-carne ou
 ‘O que você vai comer: peixe ou carne de bicho?’
 (SANTOS, 1997, p. 152, ex. 375).

As sentenças alternativas são marcadas pela partícula ‘ya'nti’ em cada nome da sequência, o qual nesse contexto funcionaria como mecanismo para contexto correlativo possivelmente enfático ou de outra ordem.

Os aspectos da coordenação em Kĩsêdjê, mais especificamente no que se refere aos mecanismos de co-referenciação na coordenação de sentenças da língua, também é apresentado por Nonato (2014) com base em uma perspectiva gerativista. De acordo com o autor, a estratégia de switch-reference está marcada em coordenação assimétrica na língua e esse fato comprovaria a afirmação de que a coordenação assimétrica e simétrica possui diferentes estruturas em nível sintático, ou seja, a coordenação assimétrica é aquela que apresenta uma forma contrastante das referências entre sujeitos iguais ou diferentes; por sua vez, a coordenação simétrica refere-se quando a conjunção coordenativa não flexiona a marcação. Para exemplificar essa questão seguem os dados do Kĩsêdjê apresentados pelo autor:

(68) Assimetria

a. Same-subject "and"

Hên [∅ 'pâj] =ne [∅ khu-ku]
 FACT [3_{nom} arrive] =and.SS [3_{nom} 3_{acc}-eat]
 'He_i arrived and (then) he_i ate it'
 ‘Ele chegou e (então) ele comeu’

b. Different-subject "and"

Hên [∅ 'pâj] =nhy [∅ khu-ku]
 FACT [3_{nom} arrive] =and.DS.3 [3_{nom} 3_{acc} -eat]
 'He_i arrived and (then) he_j*_i ate it'
 ‘Ele chegou e (então) ele comeu’

(NONATO, 2014, p. 111, ex. 228).

(69) Marcação de referência não marcada na coordenada simétrica.

[Hwĩsôsôk tá khãm hwysysôm=nda khêt]₁ =ne [kê i-khá=ra thyktxi]₂

[school in mosquito =NOM be.not] =and.ss [also 1abs-shirt=NOM be.dirty]

=wa [s-átará khere]₃

=and.DS.1_{NOM} [3_{abs}-Put_{emb} be.not]

'At the school there are no mosquitoes and my shirt was dirty and then I didn't put it on.'

'Na escola não há mosquitos e minha camisa estava suja e então não coloquei'.

(NONATO, 2014, p. 111, ex. 229).

Nonato (2014) afirma que em dados como (68a) a forma 'ne' da conjunção é utilizada para combinar sujeitos idênticos na oração e a forma 'nhy' para coordenar sujeitos distintos em (68b). Já a simetria na coordenação complexa é vista em (69) quando as cláusulas são coordenadas simetricamente com a conjunção 'ne', mesmo que a primeira e a segunda cláusula tenham sujeitos diferentes como "mosquitos" e "minha camisa", respectivamente, já que a terceira cláusula coordenada ('então não coloquei') indica que ainda está se falando do mesmo sujeito, ou seja, o exemplo (69) apresenta "coordenação simétrica incorporada" (NONATO, 2014, p. 112).

3.2.9 Língua Tapayuna

Na língua Tapayuna, Camargo (2015) aborda as orações coordenadas como construções sintáticas de elementos de mesmo nível que apresentam mesmo sentido ou sentido oposto. A autora constata duas formas de ocorrência para os dados que dispôs na língua Tapayuna: conjunção e justaposição. Com isso, foram consideradas as orações coordenadas aditivas e adversativas. A seguir, apresentamos alguns exemplos dos referidos tipos:

(70) Orações coordenadas aditivas: conjunções 'nẽ' e 'nẽ ke'

wẽwi kukwəj nĩra wĩ nẽ ka^gã atha wĩ

homem macaco DEM matar CONJ cobra DEM matar

'o homem matou aquele macaco e matou essa cobra'

(CAMARGO, 2015, p. 183, ex. 209).

wẽwĩ kukwəj nĩra wĩ **nẽ ke** ka^ŋgã atha wĩ
 homem macaco DEM matar CONJ CONJ cobra DEM matar
 ‘o homem matou aquele macaco e também matou essa cobra’

(CAMARGO, 2015, p. 183, ex. 210).

(71) Orações coordenadas por justaposição (parataxe): sem marcação de conjunções

rɔwɸĩ ra nrijaritkane wĩ -n ku- khrẽ
 onça MS caçador matar TOP 3SG comer
 ‘a onça matou o caçador e comeu’

(CAMARGO, 2015, p. 184, ex. 211).

(72) Coordenadas adversativas: por conjunção ‘tho’ ou por justaposição

a- thẽ wã **tho** ka a- thẽ kere
 2SG ir DIR CONJ 2SG 2SG ir NEG
 ‘você iria embora, mas não foi’

(CAMARGO, 2015, p. 185, ex. 212).

itha -je ra **wõ -n** wõrõ kere
 DEM PL MS ir TOP ir NEG
 ‘eles iam embora, mas não foram’

(CAMARGO, 2015, p. 186, ex. 213).

Os dados verificados por Camargo (2015) consideram apenas orações com mesmo sujeito, em virtude disso marcações de correferenciação não foram consideradas na análise. Contudo, pode ser destacada a proximidade com a língua Krahô que também utiliza a conjunção ‘nẽ’ para marcar orações coordenadas com mesmo sujeito.

De acordo com essa breve resenha dos estudos sobre coordenação das línguas Jê do Norte, as quais apresentam aspectos morfossintáticos similares entre os seus respectivos resultados, foi possível organizarmos o seguinte quadro que apresenta os principais fenômenos e conjunções verificados na coordenação de orações das línguas desse subgrupo setentrional.

Quadro 5 - Principais fenômenos e conjunções na coordenação de línguas Jê do Norte

Línguas Jê setentrional	Fenômenos de coordenação	Conjunções ou expressões
Mebengokre	Switch-reference	<i>nẽ</i> (SS) <i>nhũm</i> (DS)
Panará	Pausa entonacional (Conjunção e disjunção)	-
Parkatêjê	Switch-reference (Conjunção)	<i>nã</i> (SS) <i>mã</i> (DS)
Canela Apaniêkra	Switch-reference (Conjunção e disjunção)	<i>ne</i> ($S_1=S_2$), <i>mã</i> ($S_1 \neq S_2$), <i>mã</i> ($0_1=S_2$)
Apinajé	Switch-reference	<i>nẽ</i> (SS) <i>nũm</i> (DS)
Krahô	Switch-reference Justaposição, conjunção, disjunção, contrajunção e conclusão.	<i>nẽ</i> (SS) e <i>mã</i> (DS), <i>ket</i> (DISJ), <i>K^hot mã</i> (Expressão CONCL)
Kĩsêdjê	Switch-reference	<i>ne</i> (SS) <i>nhy</i> (DS)
Tapayuna	Adição, justaposição, contrajunção.	<i>nẽ/nẽ ke</i> (ADIT), <i>tho</i> (CONT)

Fonte: Elaboração própria (2018).

É possível destacar a partir das informações que grande parte das línguas Jê do Norte, mais especificamente as línguas Mebengokre, Parkatêjê, Canela Apãniekra, Apinajé, Krahô e Kĩsêdjê, as quais utilizam o mecanismo de *switch-reference* como recurso para coordenar orações com mesmo sujeito e sujeito diferente em suas sentenças. Além disso, as conjunções utilizadas para marcar a correferência do sujeito parecem se aproximar bastante entre todas as línguas, a exceção da língua Panará que apresenta somente pausa entonacional; bem como do Tapayuna, língua a qual não apresentou dados ainda para considerar a marcação de referência alternada.

As conjunções verificadas entre sujeitos semelhantes e distintos são ilustradas no quadro que as esquematiza, a seguir:

Quadro 6 - Conjunções em *switch-reference* (SS/DS) nas línguas Jê do Norte

Línguas	SS	DS
Mebengokre	<i>ně</i>	<i>nhũm</i>
Parkatêjê	<i>nã</i>	<i>mã</i>
Canela Apaniêkra	<i>nê</i>	<i>mã</i>
Apinajé	<i>ně</i>	<i>nũm</i>
Krahô	<i>ně</i>	<i>mã</i>
Kĩsêdjê	<i>ne</i>	<i>nhy</i>

Fonte: Elaboração própria (2018).

Entre os coordenadores que marcam a continuidade do sujeito na oração é possível perceber que as línguas Mebengokre, Apinajé e Krahô apresentam formas assemelhadas entre si; e as demais indicam somente proximidade.

Por sua vez, a conjunção para marcação de sujeitos diferentes se assemelha nas línguas Jê do grupo dialetal Timbira: Parkatêjê, Canela Apãniekrá e Krahô. As demais línguas apresentam conjunções aproximadas.

4 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DAS ORAÇÕES COORDENADAS EM PARKATÊJÊ

Este capítulo apresenta os principais fundamentos teóricos sobre os mecanismos linguísticos e tipos de coordenação que embasam a análise dos aspectos morfossintáticos verificados nos dados das orações coordenadas da língua Parkatêjê.

Dessa forma, no tópico 4.1 serão apresentadas as orações coordenadas por meio de *switch-reference* com o par de conjunções **nã** (SS) /**mã** (DS) (sintagmas verbais, verbos seriais e predicados de verbos descritivos). Também são consideradas as orações justapostas (parataxe), as quais parecem ocorrer somente com sentenças que coordenam o mesmo sujeito ou sujeitos distintos. No tópico 4.2, por sua vez, serão abordadas as orações coordenadas conjuntivas realizadas com o coordenador **mẽ** (conjunção coordenativa de sintagmas nominais e nomes em série), nas quais não foi identificada nenhuma ocorrência de justaposição.

4.1 *Switch-reference*

O mecanismo de referência que marca a continuidade ou descontinuidade do participante na oração seguinte é comumente conhecido como referência alternada ou *switch-reference*, termo citado primeiramente na literatura por Jacobsen em 1967.

Esse fenômeno também é amplamente verificado por pesquisadores na área de línguas indígenas do mundo inteiro. Nesta pesquisa, em particular, destaca-se a ocorrência do fenômeno, por meio de algumas conjunções, na grande maioria das línguas da família linguística Jê do Norte, como foi brevemente explanado no capítulo anterior. No entanto, é notável que o fenômeno pode ocorrer de diferentes formas em diversas línguas ao redor do mundo.

Segundo os estudos realizados por Haiman e Munro (1983), o *switch-reference* convencional é uma categoria de flexão verbal, a qual é capaz de apontar se o sujeito de um verbo é idêntico ou não ao sujeito de outro verbo na sentença seguinte. Conforme os autores, esse desempenho também possui a função de evitar a ambiguidade de referência.

De acordo com Gijn (2012), povos que não possuem tradição escrita, especialmente a maioria dos povos da América do Sul, que dependem inteiramente da oralidade para transmitir informações complexas, tendem a desenvolver dispositivos linguísticos que permitam uma maior compreensão do que está sendo dito. A partir disso, o autor lança e tenta

resolver a questão do "Por que línguas com tradições predominantemente orais de transmissão de informação adotam ou desenvolvem tais sistemas?" (GIJN, 2012, p. 112, tradução nossa)¹⁰ e sustenta o argumento de que o mecanismo de "switch-attention" ou *switch-reference* auxilia na coerência de cláusulas complexas, as quais podem ser, de certa forma, mais produzidas em contextos espontâneos de fala.

No capítulo anterior, os mecanismos de *switch-reference* foram destacados nas línguas Jê do Norte, especialmente, em Parkatêjê foram apontadas as formas marcadas *nã* (SS)/*mã* (DS) e *mẽ* (conjunção de locuções nominais) verificadas inicialmente por Ferreira (2003). Com o objetivo de enriquecer a descrição de Ferreira (2003), detalhamos as orações coordenadas, a fim de investigar, por meio de dados elicitados e narrativas míticas, como os falantes de Parkatêjê fazem uso do recurso da marcação de referência em contextos diversos na língua.

4.1.1 Coordenadas marcadas pela conjunção *nã* (SS) nos sintagmas verbais e verbos seriais

Nesse tópico, serão descritas as orações coordenadas pela forma marcada de conjunção **nã**, a qual evidencia a continuidade do sujeito da primeira sentença na segunda. Além da função de conjunção, a forma **nã** também pode ser verificada como uma posposição do caso semântico alativo (direcional)¹¹. As posposições em Parkatêjê fazem parte de uma classe fechada de formas marcadas que ocorrem, na maioria das vezes, precedidas de um elemento pronominal ou nominal. Optou-se por fazer essa ressalva afim de esclarecer a diferença entre as conjunções e posposições nos dados que apresentam as duas marcas. Contudo, este tópico se concentrará somente na função conjuntiva dos coordenadores 'nã' e 'mã'.

Os sintagmas verbais coordenados em Parkatêjê, de um modo geral, apresentam coordenação monossindética do tipo **A co-B** (medial prepositive), ou seja, a língua apresenta uma 'conjunção prepositiva antes do segundo termo coordenado', conforme o postulado de Haspelmath (2007) sobre a representação sistemática dos tipos e posições de coordenadores.

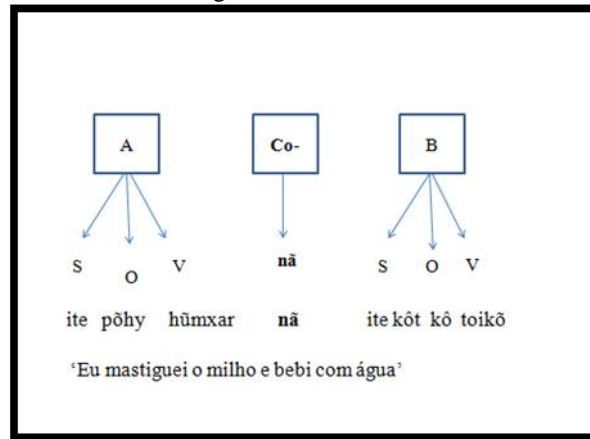
De acordo com Ferreira (2003), o Parkatêjê é uma língua posposicional que apresenta a ordem básica Sujeito-Objeto-Verbo (SOV) nos constituintes de orações declarativas simples/independentes. Essa mesma ordem parece ser predominante e pode ser verificada

¹⁰ "Why would languages with predominantly oral traditions of information transmission adopt or develop such systems?"

¹¹ O caso semântico de 'nã' está inserido no quadro de posposições da língua Parkatêjê proposto por Ferreira (2003, p. 70).

também nos sintagmas verbais coordenados que estão destacados no seguinte esquema abaixo:

Figura 6 - Esquema de coordenação monossindética do tipo **A co-B** em Parkatêjê no sintagma verbal



Fonte: Elaboração própria (2018).

O esquema acima destaca também a posição pós-verbal final do coordenador **nã** ao marcar a continuidade do sujeito na sentença seguinte. Dado esse fato, os dados das coordenadas com essa conjunção foram organizados e analisados a partir do critério de transitividade verbal dos sujeitos e/ou predicados das orações.

4.1.1.1 Coordenação entre sujeitos de verbos intransitivos (S)

De acordo com Ferreira (2003), os verbos intransitivos em Parkatêjê podem ser classificados em dois tipos básicos: os intransitivos simples (S); e os intransitivos estendidos, os quais podem apresentar também predicados estendidos. Atualmente, os intransitivos estendidos estão sendo novamente analisados em virtude de não ocorrerem somente no tempo passado tal como havia sido verificado.

O mecanismo de *switch-reference* pode ser identificado na coordenação entre sujeitos de verbos intransitivos no passado e no presente com a conjunção **nã** (SS) para marcar o mesmo sujeito referente a duas ou mais ações. Nas ocorrências a seguir, se evidenciam a marcação conjuntiva do sujeito imediatamente seguinte entre:

- Coordenação entre sentenças que apresentam sujeito nominal em (73); e entre sujeito pronominal dependente de primeira pessoa em (74), respectivamente:

(73) krôti-jê airom nã mã kukwÿr **nã** kormã ajpên to pÿp
 Porco-COL mato LOC DS correr **SS** Incompl REC CAUS cair
 ‘Os porcos correram no mato e ainda caíram juntos (no rio)’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

(74) i-tak **nã** i-pÿp
 1-escorregar **SS** 1-cair
 ‘Eu escorreguei e eu caí’

(ARAÚJO, 2016, p. 127).

- Coordenação entre construções seriais verbais com sujeito pronominal dependente de primeira pessoa do singular *i-*; bem como entre verbos em série no modo imperativo:

(75) i-te amji kawê **nã** amrã i-pÿp **nã** àpi mã i-xãm
 1-Erg REFL engatar **SS** amrã 1-cair **SS** levantar para 1-soltar
 ‘Eu me engatei, caí, levantei e me soltei.’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

(76) nã hõr **nã** inxê kôt amti
 deitar dormir **SS** mamãe Com sonhar
 ‘Deita, dorme e sonha com a mamãe’

(FERREIRA, 2003, p. 141).

Pode-se perceber que na construção verbal serial em (75), a conjunção ‘nã’ aparece intercalada aos verbos intransitivos que, em sua maioria, estão marcados por primeira pessoa. Por outro lado, em (76) o mecanismo marca a continuidade do mesmo sujeito elidido na sentença seguinte.

(77) ka ka hey **nã** i-krê
 2SG FUT enganar **SS** 1-comer
 ‘Tu vais enganar e me comer’

(FERREIRA, 2003, p. 251).

Orações com verbos intransitivos e transitivos, na mesma oração, também podem ser coordenadas por conjunção, como pode ser visto no exemplo (77) acima. Ocorre o mesmo com orações iniciadas com verbos transitivos.

4.1.1.2 Coordenação entre sujeitos de verbos transitivos (A)

Os dados do Parkatêjê, evidenciam também a marca de *switch-reference* em coordenadas com sujeitos de verbos transitivos. Nessa língua, de acordo com Ferreira (2003), os verbos transitivos apresentam sujeito (A) e objeto (O) como argumentos nucleares. Entre as principais subclasses de verbos transitivos estão: i. verbos que ocorrem com prefixos relacionais (*h-itep* ~ *j-itep* ‘cortar’) e ii. verbos que formam a classe -ku (*ku-krê* ‘comer’ e *ku-pĩ* ‘matar com flecha’, por exemplo).

Nas ocorrências verificadas nos exemplos do paradigma verbal de (78) a (83), é possível observar a coordenação marcada por **nã** nas sentenças com sujeitos pronominais dos verbos transitivos “comi o milho/bebi a água”. Destaca-se, após a conjunção, a presença da partícula *kôt*, a qual pode apresentar significado de “com ou junto” ou de verbo como “descansar”. Sobre essa partícula, alguns testes foram realizados para verificar se ela estava atrelada ao verbo ‘beber’. Contudo, constatou-se que ela só aparece nos exemplos em que a comitação está presente, ou seja, não está vinculada ao verbo e nem à conjunção, como se pode confirmar no dado (83).

(78) i-te pōhy hūmxar **nã** i-te kôt kô toikō
 1-Erg milho mastigar **SS** 1-Erg Com água beber
 ‘Eu mastiguei o milho e bebi com água’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

(79) i-te tep hōr **nã** kôt rōti kakō toikō
 1-Erg peixe comer **SS** Com côco suco beber
 ‘Eu comi peixe e bebi com água de côco’

(VIEIRA, 2018, notas de campo).

(80) a-te pōhy hūmxar **nã** kôt kô toikō
 2-Erg milho mastigar **SS** Com água beber
 ‘Você mastigou o milho e bebeu com água’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

(81) Ø-te pōhy hūmxar **nã** kôt kô toikō
 3-Erg milho mastigar **SS** Com água beber
 ‘Ele mastigou o milho e bebeu com água’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

(82) mpa nã pōhy hūmxar **nã** kôt kô mpa kō
 1PIIncl Dir milho mastigar **SS** Com água 1PIIncl beber
 ‘Nós mastigamos o milho e bebemos com água’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

(83) mpa te pōhỳ hūmxar **nã** kakô mpa kō
 1PIIncl Erg milho mastigar **SS** suco 1PIIncl beber
 ‘Nós mastigamos milho e bebemos suco’

(VIEIRA, 2018, notas de campo).

Nos exemplos que seguem, observa-se que a conjunção **nã** (SS) marca o mesmo sujeito nominal *inxũm* na oração precedente, entre os verbos transitivos *to* e *ku-kràn* em (84); e a continuidade do sujeito pronominal livre de primeira pessoa do singular *wa* em construções seriais verbais em (85-86) e entre verbos transitivos da classe *ku-* em (87).

(84) **inxũm** te to=krowa krã kà **nã** Ø-te ku-kràn
 pai Erg cortar=tora cada casca **SS** 3-Erg Onc-pintar
 ‘Meu pai cortou a tora e pintou cada uma’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

(85) **wa** tep prõ **nã** xê **nã** ku-ho
 eu peixe pegar.com.a.mão **SS** assar **SS** Onc-comer
 ‘Eu pego peixe com a mão, o asso e o como’

(FERREIRA, 2003, p. 171).

(86) wa ikrekrere **nã** amkro mã kutjĩ **nã** apu h-amã
 1SG limpar **SS** sol LOC botar **SS** CONT 3-vigiar
 ‘Eu vou limpá-la, colocá-la no sol quente e vigiá-la’.

(FERREIRA, 2003, p. 255)

- (87) Jê, i-mã mpo ita j-akre. wa ku-py nã ku-krê
 Voc, 1-Dat coisa Dem Rel-tirar eu Onc-pegar SS Onc-comer
 'Jê, me dá essa coisa pra eu tirar. Eu a pego e a como.'
lit. 'Jê, para mim, essa coisa, eu a tiro. Eu a pego e a como.'

(FERREIRA, 2003, p. 107).

Por sua vez, no exemplo a seguir, o sujeito pronominal de terceira pessoa 'kê' tem o mesmo referente da oração seguinte que constitui a construção serial verbal, juntamente com a partícula 'ka' indicando o tempo futuro em (88). Em seguida, ilustrado em (89), observa-se a continuidade da terceira pessoa marcada por 'nã' e pela coocorrência do morfema \emptyset entre a série de verbos:

- (88) **kê** ka to=krowa j-itep nã ku-krà apỳ
 3 FUT fazer=tora Rel-cortar SS Onc-pintar carregar
 'Ele vai cortar, pintar e carregar a tora'

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (89) \emptyset apu tep pror \emptyset -te to=kà ku-xôn nã \emptyset -te to=krāka
 3 Cont peixe pegar 3-Erg fazer=pele Onc-escamar SS 3-Erg fazer=titicar
 'Ela pegou o peixe, tirou a pele e tratou'

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

4.1.1.3 Coordenação entre predicados de verbos descritivos (S_o)

Conforme a descrição de Ferreira (2003), os verbos descritivos em Parkatêjê, quando em contexto de predicado verbal, podem compartilhar algumas propriedades morfossintáticas com os verbos, especialmente os intransitivos: i. ocorrem com partículas de aspecto; ii. recebem a mesma forma de negação que os verbos ativos e iii. certas formas imperativas desses verbos se assemelham às dos verbos ativos.

De acordo com os dados que seguem ilustrados em (90-96), a conjunção de *switch-reference* também marca a continuidade do sujeito entre os predicados de verbos descritivos na língua, coocorrendo com os morfemas de primeira *-i* e segunda pessoa *-a*, bem como com

os sujeitos pronominais de terceira pessoa do singular \emptyset e de primeira pessoa do plural inclusiva *mpa*, respectivamente.

- (90) i-jukapĩ mpej **nã** i-kinĩ-nĩre **nã** i-krãnãre
 1-ser.generoso ser.bom SS 1-ser.bonito-muito SS 1-ser.baixo
 ‘Eu sou generoso, bom, bonito e baixo’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (91) a-mpej **nã** a-kinĩ-nĩre **nã** a-krãnã-re
 2-ser.bom SS 2- ser.bonito-muito SS 2-ser baixinho
 ‘Você é bom, muito bonito e baixinho’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (92) ka ka putiti **nã** hitỳi **nã** a-katêk **nã** mpej
 2 FUT sozinho SS ser.corajoso SS ser.limpo SS ser.bom
 ‘Você será corajoso, bonito e bom’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (93) a-tery-ti **nã** a-kri-re
 2-ser.altá-INT SS 2- ser.magra-ATN
 ‘Você é alta e magra’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (94) \emptyset mpej **nã** kinĩnĩre **nã** krãnã-re
 3 ser.boa SS ser.bonita SS ser.baixinha-ATN
 ‘Ela é boa, bonita e baixinha’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (95) \emptyset tery-re **nã** kri-re
 3 ser.altá-ATN SS ser.magra-ATN
 ‘Ela é alta e magra’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

(96) mpa hityì **nã** mpa tỳy amrêj anẽ
 1PIIncl ser.forte SS 1PIIncl realmente ser.corajoso também
 ‘Nós somos fortes e também somos realmente corajosos’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

4.1.1.4 Coordenação entre predicados de verbos de marcação não-canônica (S_{io})

Com base em uma tipologia proposta por Onishi (2001), Ferreira (2003) apresenta alguns tipos de verbos S_{io} que podem ser verificados em Parkatêjê:

Quadro 7 - Verbos de marcação não-canônica (S_{io})

Verbos S_{io}	
Ia	Verbos de sentimentos e experiências psicológicas
Ib	Verbos de estados fisiológicos
IIIa	Verbos como ‘querer’

Fonte: Ferreira (2003, p. 48).

Como pode ser verificado no exemplo (97), o coordenador em questão também marca a referência entre os predicados verbais de marcação não-canônica *kry* e *jirot*, respectivamente.

(97) i-mã kry **nã** i-jirot
 1-DAT estar.com.frio SS 1-estar.mole
 ‘Eu estou com frio e eu estou mole’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

Por sua vez, na construção verificada em (98) ilustra-se a forma marcada de referência com coordenação entre os sujeitos pronominais dependentes de primeira pessoa do singular do verbo transitivo *krêr* e um predicado de verbo (S_{io}) *apôj.hãn*.

- (98) i-te têrêre krêr **nã** i-te apôj.hãn
 1-Erg açai comer SS 1-Erg chegar.mal
 ‘Eu comi açai e fez mal’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

4.1.1.5 Casos de justaposição (parataxe)

Em Parkatêjê, assim como nas línguas Jê do Norte Krahô e Tapayuna, também verificou-se o recurso da justaposição de orações. Esse mecanismo pode ser caracterizado pela ausência de um elemento gramatical, o qual é utilizado para estabelecer relações entre as orações de uma determinada construção sintática. Segundo Thompson e Longacre (1985), as características desse processo podem explicar a necessidade de uma forma mais coesa que pode ser marcada por meios fonológicos ou lexicais.

Além disso, “as formas não-marcadas”, segundo Payne (1985), podem ser compostas de certas estratégias como a zero e a pronominal, por exemplo. Nos dados das justapostas em Parkatêjê, por exemplo, é comum identificarmos a marcação do pronome, seja ele livre ou preso ao verbo.

Neste subtópico serão apresentadas algumas dessas formas não-marcadas em orações que apresentam a mesma referência, ou seja, em contextos de SS.

- Entre predicados de verbos descritivos

- (99) i-tery-ti i-hire
 1- ser.alto-INT 1-ser.fino
 ‘Eu sou alto, magro’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (100) i-tery-ti i-hikot nĩre
 1- ser.alto-INT 1-ser.gordo Enf
 ‘Eu sou alta, muito gorda’

(VIEIRA, 2018, notas de campo).

- Entre sujeito de verbos transitivos e intransitivos em orações negativas

(101) i-te itakãm to kruwa j-ipro inũare apykrã mẽ i-te kaka
 1- Erg hoje fazer flecha Rel-fazer.flecha Neg peteca Pl 1-Erg não.querer
 ‘Eu não fiz flecha hoje e não quero fazer as petecas’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

(102) pêpia aiku kãm kaka apiri nãwyr
 Dub PR Posp não.querer Iter pedir
 ‘Dizem que (a Lua) não quis e pediu de novo’

(FERREIRA, 2003, p. 119).

- Entre sujeitos pronominais de tipos semânticos de verbo

(103) i-te pôruti to amjityk i-te py to amjikukrãn
 1-Erg jenipapo fazer pintar-se.de.preto 1-Erg urucum fazer pintar-se.de.vermelho
 ‘Eu me pintei com jenipapo e urucum’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

Os exemplos ilustrados acima, mostram que o recurso da não-marcação ocorre tanto com dados elicitados, quanto nos relatos de textos míticos e experimentos mais contextualizados, respectivamente em (102) e (101).

4.1.2 Coordenadas marcadas pela conjunção *mã* (DS) nos sintagmas verbais

Em Parkatêjê, a conjunção **mã** pode apresentar os seguintes comportamentos de acordo com as definições fornecidas no Dicionário Parkatêjê-Português de Araújo (2016, p. 161):

i.mã₁: rel sujeito diferente da oração precedente

(104) xyhy ãkrere mõi kato **mã** kê ka krãrênkatê ita krã pyn...
 esperar cantor ir chegar DS 3 Fut jogador Dem peteca pegar
 ‘Espera! O cantor vai chegar e o jogador pegará aquela peteca...’

ii.mã₂: rel para [beneficiário ou experienciador]

(105) kaxêre **mã** hikràkràre kaka...

NPr Dat magro não.querer

‘Kaxêre não queria o magro para ela...’

iii.mã₃: V₁ encontrar, aproximar-se

(106) wa tẽ mã kaprãn **mãre**...

eu ir DS jabuti encontrar

‘Fui andando e encontrei o jabuti’

Ainda sobre as diferentes funções gramaticais de ‘mã’, Ferreira (2003) acrescenta ao quadro das posposições na língua o caso semântico locativo ou direcional. Optou-se por esclarecer todas as funções supracitadas, em virtude do número dessas ocorrências verificadas entre os dados. É necessário esclarecer também que dentre as situações apresentadas, somente serão apresentados os casos em que *mã* funciona como conjunção marcadora da não-continuidade do sujeito na oração precedente.

Por sua vez, os dados das coordenadas marcadas por conjunção mã (DS) em Parkatêjê também foram organizados a partir dos critérios de transitividade verbal do sujeito e/ou predicado como se apresentam nas ocorrências a seguir.

4.1.2.1 Coordenação entre sujeitos de verbos intransitivos (S)

A não-continuidade do sujeito marcada pela conjunção ‘mã’ (DS) de *switch reference* em Parkatêjê pode ser verificada em orações coordenadas entre sujeitos nominais e pronominais de verbos intransitivos como se ilustra em (107-108) e (109), respectivamente.

(107) rop apu karõrõ **mã** krôti mũ õpate hyr

cachorro Cont rosnar **DS** porco DIR ter.medo esconder

‘O cachorro está rosnando e o porco se escondeu’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

(108) ãhãre kà **mã** rop mra

galo cantar **DS** cachorro latir

‘O galo canta e o cachorro late’

(VIEIRA, 2018, notas de campo).

Também é possível constatar no exemplo (109) que a conjunção em questão, além de remeter ao novo sujeito, marca orações consideradas coordenadas adversativas nesta língua.

- (109) wa mũ i-j-õ-kre wỳr mō **mã** i-j-ixi amrēre
 eu mũ 1-Rel-Pos-casa Dir ir **DS** 1-Rel-esposa NegEx
 ‘Eu fui para casa, mas minha mulher não estava’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

Algumas construções apresentam coordenação entre sujeito pronominal livre de primeira pessoa do singular na primeira sentença e do morfema preso à marca de ergatividade na seguinte, como ilustrado em (110), por exemplo.

- (110) wa kãm i-kakôk **mã** Ø-te kãm=taiho
 eu Loc 1-falar **DS** 3-Erg Loc=escrever
 ‘Eu falei e ela escreveu’

(VIEIRA, 2018, notas de campo).

4.1.2.2 Coordenação entre sujeitos de verbos transitivos (A)

Por seu turno, o coordenador ‘mã’ é igualmente constatado em sentenças que marcam sujeitos distintos de verbos transitivos nas orações imediatamente seguintes, entre eles:

- Sujeitos nominais distintos de verbos transitivos, conforme os dados (111) e (112)

- (111) ãnxũm te to=krowa krākà **mã** kēti te to=kapàn
 pai Erg cortar=tora casca **DS** tio Erg fazer=escavar
 ‘Meu pai cortou a tora e meu tio a escavou’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (112) inxê te kra j-uahi **mã** krohokre te wahire to=kaxwỳr
 mãe Erg filho Rel-segurar **DS** NPr Erg agulha Instr=furar
 ‘a mãe segurou o filho e a Krohokre aplicou a injeção’
lit. ‘a mãe segurou o filho e a Krôhôkre furou com a agulha’

(FERREIRA, 2003, p. 250).

- Sujeitos pronominais distintos de verbos transitivos em orações coordenadas adversativas

(113) a-te Piare pupun **mã** Ø-te a- pupũn inũare
 2- Erg N.Pr. Rel-ver **DS** 3-Erg 2- Rel-ver +Pas Neg
 ‘tu viste o Piare, mas ele não te viu’

(FERREIRA, 2003, p. 74).

(114) mẽkunĩnĩ i-tem Piare pupũn **mã** Ø-te mẽ i- pupũn inũare
 todos 1-ErgPl N.Pr. Rel-ver+Pas **DS** 3-Erg IPIExcl Rel-ver+Pas Neg
 ‘todos vimos o Piare, mas ele não nos viu’

(FERREIRA, 2003, p. 190).

(115) a. i-te Japenprãmti pupun **mã** Ø-te i- pupũn nũare
 1-Erg Pedro ver **DS** 3-Erg Rel-ver neg
 ‘Eu vi Pedro, mas ele não me viu’

(VIEIRA, 2018, notas de campo).

b. i-te Japenprãmti pupun **mã** Ø-te i- pupũn nũare
 1-Erg Pedro ver **DS** 3-Erg Rel-ver neg
 ‘Eu vi Pedro e ele não me viu’

(VIEIRA, 2018, notas de campo).

É possível verificar semelhanças, no que diz respeito à conjunção *mã* (DS), com os dados das línguas Canela Apaniekrá em Alves (2004) e Krahô em Miranda (2014), respectivamente ilustrados, a seguir em (116-118), exemplos que também demonstram haver coordenação entre sujeitos distintos de verbos transitivos e intransitivos, marcada pela mesma conjunção após o verbo da primeira sentença, como verificado em Parkatêjê.

(116) i-te hũmre pupũn **mã** Ø ma te
 1-ERG homem ver **CONJ** 3 DIR ir
 ‘eu vi o homem e ele foi embora’

(ALVES, 2004, p. 144).

(117) pedro te João pupũn **mã** João mɔr
 Pedro ERG João ver **CONJ** João Ir
 ‘Pedro viu o João e João foi embora’

(ALVES, 2004, p. 144).

- (118) pɛa mã ramã mẽ h-ũ Ø-kak^ho-r Ø-to mẽ
 então já PL R²-DEIT R²-assoviar-NOMLZ R²-ASS.INSTR PL
 ajk^hot, Ø -pra-Ø mã jũm ita apu h-õ ãn-tse Ø -mã:
 atrás.de R²-andar-NOMLZ SD alguém DEM PROG R²-REL R²-mãe R²-DAT
 ‘Então houve o assoviar deles [com as mãos] e houve o andar deles um atrás do outro, e este alguém [o rapaz] está dizendo para a mãe dele’.

(Então eles assoviaram [com as mãos] e eles andaram um atrás do outro e alguém [o rapaz] está dizendo para a mãe dele).

(MIRANDA, 2014, p. 184).

4.1.2.3 Coordenação entre predicados de verbos descritivos (S_o)

A conjunção *mã*, assim como *nã*, também exerce a função de coordenador de predicados de verbos descritivos -ser alto e ser baixo, por exemplo- em Parkatêjê com sujeitos pronominais livres e dependentes, podendo coocorrerem entre si na mesma oração, juntamente com sujeitos nominais como *kêti*, a seguir:

- (119) wa i-krãnã-re mã a-tery-ti
 eu 1-ser.baixo- ATN DS 2- ser.alto- INT
 ‘Eu sou baixo e você é alto’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (120) i-te jakotô-re mã kêti tery-ti
 1-Erg ser.baixo- ATN DS tio ser.alto- INT
 ‘Eu sou baixo e meu tio é alto’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

4.1.2.4 Coordenação entre sujeitos de verbos de marcação não-canônica (S_{io})

A forma marcada coordenativa de *mã* também coordena sujeitos pronominais e nominais de verbos não-canônicos como gostar, pertencer e chorar; abaixo podem ser verificados nos exemplos (121-123):

- (121) wa i-te imã tep xàn **mã** kêtî ajte kãm mã mpojĩ xàn
 Eu 1- Erg Dat peixe gostar **DS** tio sozinho rel Dat carne gostar
 ‘Eu gosto de peixe e meu tio gosta de carne’
 (VIEIRA, 2017, notas de campo).
- (122) pàkrere i-mã tekjê **mã** parkreatiti ãnxũm tekjê
 canoa 1-Dat pertencer **DS** barco pai pertencer
 ‘A canoa pertence a mim e o barco pertence ao meu pai.’
 (VIEIRA, 2017, notas de campo).
- (123) i pê i-kra-par xêt **mã** atõĩ.katyre apu kumê mra **mã**
 Pass 1- filho- pé queimar **DS** irmã.NP Cont 1PlDual chorar **DS**
 ri te i-mã to nkryk wa inxi mapjên ma kija
 Enf Erg 1-dat fazer raiva eu mãe marido brigar
 ‘Faz algum tempo, meu filho queimou o pé, minha comadre ficou chorando, eu fiquei
 com raiva e briguei com a mãe dele’
 (ARAÚJO, 2016, p. 178).

4.1.2.5 Casos de justaposição (parataxe)

Algumas ocorrências com ausência da marcação de conjunção coordenativa *mã* (DS) foram verificadas nos seguintes exemplos do Parkatêjê, no entanto, foi possível verificar que em orações como ilustradas em 124a, 125a, 126a, 127, assim como em 123 no tópico anterior, existe uma semelhança sintática que pode apontar a possibilidade de uma forma não-aleatória de justaposição entre coordenadas que iniciam com sujeito nominal ou pronominal de terceira pessoa na primeira sentença e seguem com pronome livre de primeira pessoa *wa* na anterior, como foi constatado nos dados do Parkatêjê, a seguir:

- (124) a. Ø-te ri krowa kukràn wa i-te kruwa kukràn
 3-Erg Enf tora pintar eu 1-Erg flecha pintar
 ‘Ele pintou a tora, eu pinteí a flecha’

- b. i-te krowa kukràn **mã** Ø-te ri kruwa kukràn
 1-Erg tora pintar DS 3-Erg Enf flecha pintar
 ‘Eu pintei a tora e ele pintou a flecha’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (125) a. Ø-te ri ãhãre tok wa i-te kuwênêre tok
 3-Erg Enf galinha espantar eu 1-Erg passarinho espantar
 ‘Ele espantou a galinha, eu espantei os passarinhos’

- b. i-te wa ãhãre tok **mã** Ø-te ri kuwênêre tok
 1-Erg eu galinha espantar DS 3-Erg Enf passarinho espantar
 ‘Eu espantei a galinha e ele espantou os passarinhos’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (126) a. Ø-te to=hirên i-te kahôn nũare
 3-Erg fazer=cortar 1-Erg cozinhar Neg
 ‘Ele cortou a carne, mas eu não cozinhei’

- b. i-te to=hirên **mã** Ø-te to=kahôn nũare
 1-Erg fazer=cortar DS 3-Erg fazer=cozinhar Neg
 ‘Eu cortei a carne, mas ele não cozinhou’

(VIEIRA, 2018, notas de campo).

É digno de nota que, por se tratar de um recurso distinto e uma consequente estratégia diante da mudança da ordem do sujeito nominal ou pronominal, os dados supracitados foram confirmados separadamente com três falantes mais velhos da língua em momentos diferentes com alternância entre a e b.

- (127) Ø-te ãhãre kuràn wa i-te to=krô kuràn
 3-Erg galinha matar eu 1-Erg fazer=porco matar
 ‘Ele matou a galinha, eu matei o porco’

(VIEIRA, 2018, notas de campo).

- (128) i-te to=par krã kàr a-te to=krekrere
 1-Erg fazer=madeira pedaço cortar 2-Erg fazer=lixar
 ‘Eu cortei a madeira e você lixou’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (129) a-te i-mã to=kuwê hỳr wa i-te kuken
 2-Erg 1-Dat fazer =arco cortar eu 1-Erg raspar
 ‘Você cortou o arco pra mim e eu raspei’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

O exemplo (129) demonstra que a justaposição em contextos de coordenação de sujeitos diferentes ocorre também em sentenças iniciadas por pronome dependente de segunda pessoa do singular.

4.2 Coordenadas conjuntivas com *mẽ* em sintagmas nominais e nomes em série

No tópico anterior, em que foram analisadas as orações que apresentam referência alternada, verificamos que a língua Parkatêjê apresenta as conjunções *nã* e *mã*, essas, por sua vez, figuram como orações coordenadas conjuntivas. Entretanto, há também o destaque para a conjunção coordenativa *mẽ* em sintagmas nominais e nomes em série. Dessa forma, em Parkatêjê temos *nã*, *mã* e *mẽ* como as principais conjunções referentes às coordenadas conjuntivas.

Ferreira (2003) descreveu a ocorrência de *mẽ* ao tratar da conjunção e disjunção das locuções nominais em Parkatêjê e de acordo com ela, o *mẽ* pode ser interpretado com as seguintes características:

- Coordenador de locuções;
- Indicador de terceira pessoa do plural;
- Conjunção associativa das locuções com valor inclusivo.

Entre as diferentes regularidades do coordenador *mẽ* nas estruturas sintáticas verifica-se que a presença dele é recorrente e obrigatória na coordenação de dois ou mais nomes (sintagmas nominais e nomes em série), de modo que não é possível coordenar nomes nessa

língua sem pelo menos utilizar uma forma marcada de *mẽ*, ou seja, diante desse tipo de coordenação não há formas de justaposição. Preliminarmente, os dados das coordenadas na língua Parkatêjê demonstram que esse coordenador pode apresentar os seguintes modelos prototípicos de regularidades sintáticas:

- i. nome+ **coordenador mẽ**+ nome+verbo (sintagma nominal)

(130) pan **mẽ** kuwenere mũ prar
 arara Conj passarinho mũ ir.embora
 ‘A arara e o passarinho foram embora’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

(131) atõ **mẽ** atõi mũ mẽ tek
 irmão Conj irmã mũ 3Pl jogar
 ‘O teu irmão e a tua irmã foram jogar (flecha)’
 Lit: ‘O teu irmão e a tua irmã, eles foram jogar’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

(132) mpy **mẽ** ntia tem tep hõr
 homem Conj mulher ERG peixe comer
 ‘O homem e a mulher comeram peixe’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- ii. nome+ **coordenador mẽ**+ nome+ **coordenador mẽ** +verbo (sintagma nominal e em nomes em série)

(133) mpy **mẽ** ntia **mẽ** mra
 homem Conj mulher Conj choram
 ‘O homem e a mulher choram’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

(134) rop **mẽ** roprupuire **mẽ** mũ kukwỳr
 onça Conj gato-do-mato Conj DIR correr
 ‘A onça e o gato-do-mato correram’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (135) pàn **mẽ** kuwênere **mẽ** Ø-te mpo hy krêr
 arara Conj passarinho Conj 3-Erg Ind semente comer
 ‘A arara e o passarinho comeram sementes’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (136) krÿiti **mẽ** kahêiti **mẽ** hân nÿre
 papagaio Conj curica Conj gostoso muito
 ‘Papagaio e curica são muito gostosos’

(ARAÚJO, p. 142, 2016).

Os exemplos que ilustram a coordenação de sintagmas nominais podem coordenar nomes com uma ou duas formas marcadas com *mẽ* e podem ocorrer com verbos transitivos (132, 135); intransitivos (130, 131, 133 e 134) e descritivos (136), como pode ser verificado nos dados acima.

iii. sujeito+ nome+ **coordenador mẽ**+ nome+ **coordenador mẽ** +nome+ **coordenador mẽ** +verbo (nomes em série)

- (137) i-te tep **mẽ** pàrxôhy **mẽ** kwÿrxôm **mẽ** i-te krêr
 1-Erg peixe Conj castanha Conj farinha Conj 1-Erg comer
 ‘Eu comi peixe, castanha e farinha’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (138) i-te ton **mẽ** iaxy **mẽ** rop **mẽ** mÿ apemõ
 1-Erg tatu Conj veado Conj onça Conj ir caçar
 ‘Eu cacei tatu, veado e onça’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (139) makrare te tep **mẽ** pàrxôhy **mẽ** kwÿrxôm **mẽ** tem to=aipikwÿr
 menino peixe Conj castanha Conj farinha Conj ErgPl fazer=misturar
nã tem krêr
 SS ErgPl comer
 ‘Os meninos misturaram peixe, castanha e farinha e comeram’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

- (140) Ø kruwa **mẽ** kuwê **mẽ** hõrõti **mẽ** tem kwir
 3 flecha Conj arco Conj embira Conj ErgPl pegar
 ‘Ele pegou a flecha, o arco e a embira’

(VIEIRA, 2017, notas de campo).

Por sua vez, os nomes em série podem ser coordenados por uma, duas ou três formas marcadas da conjunção em questão, ocorrem necessariamente com verbos transitivos (140), mas podem também estar acompanhados de verbos intransitivos na sentença seguinte (139).

É possível destacar, nesses casos, que **mẽ** funciona como conjunção aditiva em contextos com sintagmas nominais, nomes em série e termos de classe. **Mẽ** pode ocorrer entre dois, três ou mais nomes. Diante disso, a questão que se coloca é a de que quais contextos seriam específicos para explicar quantidades diferentes de coordenadores ao se tratar da coordenação de nomes nessa língua. Sobre isso, os dados demonstram que não há diferenças contextuais exatas entre as ocorrências e uma hipótese a ser amadurecida é a de que os falantes escolhem marcar certos eventos de fala com mais de uma conjunção para destacar os elementos ou conjuntos coordenados por elas, fato este que retoma a ideia de “entidades conceitualmente distintas” apontada por Mithun (1989).

Por outro lado, as orações com mais de três coordenadores lembram também a lista de testes de Payne (1985), na qual aborda outras formas de coordenação que estão além de traços enfáticos e possuem traço [+separado]. A forma apontada pelo autor é **A and B and C...** em que uma língua pode utilizar um marcador distinto quando os conjuntos são compreendidos para representar uma lista, nesses casos, com mais de duas conjunções.

A partir das descrições dos fenômenos vistos, apresentamos o seguinte quadro que pretende apenas sumarizar os mecanismos de coordenação verificados em Parkatêjê, até o momento:

Quadro 8 - Esquematisação dos principais mecanismos de coordenação em Parkatêjê

ORAÇÕES COORDENADAS EM PARKATÊJÊ

Conjunções Coordenativas	<i>Switch-reference</i>	<i>nã</i> -SS	Sintagmas verbais, verbos seriais e descritivos	SVT, SVI, PVD e PVNC
		<i>mã</i> -DS		SVT, SVI, PVD e PVNC
	Traço [+separado]	<i>mẽ</i>	Sintagmas nominais e nomes em série	VT, VI e VD
Justaposição	Estratégia pronominal	-SS	Sintagmas verbais	SVT, SVI e PVD
		-DS		SVT e SVI

Fonte: Elaboração própria (2018).

O quadro sumariza os principais mecanismos linguísticos utilizados para coordenar orações em Parkatêjê, assim como procura esquematizar as estratégias, conjunções, sintagmas e sujeitos coordenados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal neste trabalho foi o de analisar as orações coordenadas em Parkatêjê, com o intuito de verificar o comportamento desse processo sintático nas línguas da família Jê. Diante disso, foi possível realizar um breve ensaio tipológico que permitiu a verificação de algumas semelhanças e diferenças entre os mecanismos e conjunções coordenativas dessas línguas que demonstraram que: i. dentre as seis línguas da família Jê do Norte que utilizam o recurso de *switch-reference*, o Parkatêjê é a única que coordena orações com o coordenador *nã* em contextos SS, esse fato pode apontar, possivelmente, que em algum momento no passado o Parkatêjê possa ter também coordenado suas orações com a conjunção *nẽ*, assim como a maioria das línguas dessa família; ii. ainda sobre os coordenadores que marcam a continuidade do sujeito, é possível perceber que as línguas Mebengokre, Apinajé e Krahô apresentam formas assemelhadas e iii. por seu turno, a conjunção *mã* que marca sujeitos distintos se assemelha notadamente nas línguas Timbira: Parkatêjê, Canela Apãniekrá e Krahô.

No que concerne aos dados elicitados e aos experimentos coletados em Parkatêjê, se teve a preocupação com o contexto situacional e confirmação de cada um deles, visto que, a apresentação dessas orações, por si só, demonstra parte de um extenso e rico conhecimento sócio-cultural que expõe ideias, valores e atividades cotidianas desse povo.

Os dados analisados apresentaram coordenação marcada pelo mecanismo de *switch-reference* por meio do par de conjunções *nã* (SS) e *mã* (DS) em sintagmas verbais, verbos seriais e verbos descritivos. Assim como apresentaram o uso de uma forma homófona a *mẽ* comportando-se como conjunção coordenativa em sintagmas nominais e nomes em série. A partir disso a análise demonstrou que o par de coordenadores supracitado pode coordenar igualmente sujeitos de verbos intransitivos e transitivos, bem como pode coordenar ambos na mesma oração. Além disso, as conjunções *nã* e *mã* podem coordenar também predicados de verbos descritivos e sujeitos de verbos de marcação não-canônica. Um ponto que merece ser destacado trata-se da ênfase da marcação recorrente dos pronomes livres *wa* e *mpa*, mesmo após as formas marcadas de conjunção dentro da construção sintática, acredita-se que esse fato esteja relacionado às transformações naturais da língua, sem ameaçar, de forma alguma, as propriedades inerentes ao fenômeno de *switch-reference*. Verificou-se também que diante dos contextos SS e DS, o mecanismo de justaposição também coordena sintagmas verbais e predicados de verbos descritivos.

Por outro lado, diante da coordenação de sintagmas nominais e de nomes em série não foi identificado qualquer recurso de justaposição. Nesse caso, as conjunções chegam a acompanhar cada um dos nomes ou termos coordenados por meio de uma, duas, três ou mais formas marcadas de *mẽ*.

Além de fornecer dados adicionais que reforçam a análise preliminar de Ferreira (2003), esta dissertação pôde apresentar dados que demonstram o uso de outros mecanismos de coordenação como a justaposição e a consequente estratégia pronominal, por exemplo, ambos muitas vezes coocorrentes no interior da estrutura sintática da língua. Acredita-se que esses resultados possam auxiliar, de alguma forma, em estudos comparativos com outras línguas da família Jê que desenvolvam proposta nessa área.

Apona-se a relevância deste estudo como contribuição às pesquisas de cunho descritivo que abordam o tema das orações complexas em línguas indígenas, mais particularmente das línguas Timbira. Além de poder ter seus dados- transcritos e gravados- utilizados para fins pedagógicos na escola indígena Parkatêjê ou qualquer que seja seu interesse e finalidade, utilizados sempre pelos falantes/professores da língua indígena.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Inês de. Epígrafe. In: ALMEIDA, Maria Inês de; GAVAZZI, R.; URUETA, E. B.; IBA, I. S. *et al* (org.). **11 Teses para a Universidade Indígena**. In: Tabebuia/IPÊ - Índios, Pensamento, Educação. 1. ed. v. 2. Belo Horizonte: Literaterras, 2012. 298 p.
- ALVES, Flávia de Castro. **O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá**: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004. 192 p.
- ARAÚJO, Leopoldina Maria Souza de. Aspectos da língua Gavião-Jê. 1989. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989. 183 p.
- ARAÚJO, Leopoldina Maria Souza de. **Dicionário Parkatêjê-Português**. Belém, 2016.
- ARAÚJO, Leopoldina Maria Souza de. **Estruturas subjacentes de alguns tipos de frases declarativas afirmativas do dialeto Gavião-Jê**. 1977. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1977. 139 p.
- AZE, Richard; AZE, Trish. **Parengi Texts**. In: Patterns in Clause, Sentence, and Discourse in selected languages of India and Nepal: Texts. Kathmandu: University Press, 1973.
- CABRAL, A. S. A. C; RODRIGUES, A. D. (org.). **Línguas indígenas brasileiras**: fonologia, gramática e história, Belém: EDUFPA, 2001.
- CAMARGO, Nayara da Silva. **Tapayuna (Jê)**: Aspectos Morfossintáticos, históricos e Sociolinguísticos. 2015. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2015. 210 p.
- CARVALHO, Cristina. Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 8, p. 9-27, jan./dez., 2004.
- CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. Tradução de Maria C. P. Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- DAVIS, I. **Comparative Jê phonology**. Estudos Linguísticos, v. 1, n. 2, p. 10-24, 1966.
- DOURADO, Luciana Gonçalves. **Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê)**. 2001. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001. 256 p.
- FERRAZ, I. De “Gaviões” a “Comunidade Parkatêjê”: **Uma reflexão sobre processos de reorganização social**. 1998. Tese (Doutorado). Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1998.
- FERREIRA, Marília de Nazaré. **Estudo morfossintático da língua Parkatêjê**. 2003. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003. 276 p.
- GIJN, Rik Van. Switch-Attention (aka Switch-Reference) in South-American Temporal Clauses: Facilitating Oral Transmission. **Linguistic Discovery**, v. 10, n. 1, p 112-127. 2012.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: A functional-typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2001.

GLOVER, Warren W. **Sememic and Grammatical Structures in Gurung**. Norman: University of Oklahoma Press, 1974.

HAIMAN, John; MUNRO, Pamela. **Switch-reference and universal grammar**. PROCEEDINGS OF A SYMPOSIUM ON SWITCH REFERENCE AND UNIVERSAL GRAMMAR, WINNIPEG. Amsterdam: John Benjamins, 1983.

HAKUTA, Kenji; VILLIERS, Jill; TAGER-FLUSBERG, Helen. Sentence coordination in Japanese and English. **Child Language**, v. 9, 193-207, 1980.

HASPELMATH, Martin. Coordination. *In*: SHOPEN, Timothy (ed). **Language typology and syntactic description**. v. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. (Complex constructions).

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JÕPAIPAIRE, Toprãmre Krôhôkrenhũm. **Me ikwỳ tekjê ri**: isto pertence ao meu povo. 1. ed. Marabá, PA: Gknoronha, 2011.

KASANA, Despina. **Agreement in modern greek coordinate noun phrases**. University of Essex, 2011.

LACAN, Jacques. **O Seminário**. Livro 17: o avesso da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LANGACKER, Ronald W. **Language and Its Structure**: some fundamental linguistics concepts. Nova York: Harcourt, Brace & World, 1968.

LYONS, John. **Introduction to theoretical Linguistics**. London: Cambridge University Press, 1968.

MANOLESSOU, Io; TSOLAKIDIS, Symeon. Greek coordinated compounds: synchrony and diachrony. **Patras Working Papers in Linguistics**, v. 1, 2009.

MELATTI, Julio Cezar. Corrida de toras. **Revista de Atualidade Indígena**, Ano 1, v. 1, n. 1, p. 38-45, Brasília: FUNAI, 1976.

MIRANDA, Maxwell Gomes. **Morfologia e morfossintaxe da língua Krahô** (família Jê, tronco Macro-Jê). 2014. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2014. 327 p.

MITHUN, Marianne. The grammaticization of coordination. *In*: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra. (ed.) **Clause combinig in Grammar and Discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1989. p. 331-359.

NIMUENDAJÚ, Curt. A corrida de toras entre os Timbira. **Mana**, v. 7, n. 2, p.151-194, 1944.

NONATO, Rafael. **Clause chaining, switch reference and coordination**. 2014. Tese (Doutorado) - Universidade de Campinas, São Paulo, 2014. 152 p.

OLIVEIRA, Christiane Cunha de. **The language of the Apinajé people of Central Brazil**. 2015. Tese (Doutorado) - University of Oregon, 2005.

ONISHI, M. **Non-canonically marked subjects and objects: parameters and properties**. Alexandra Y. Aikhenvald; R.M.W. Dixon; Masayuki Onishi (ed.). Amsterdam: John Benjamins, 2001.

PAYNE, John. R. Complex phrases and complex sentences. In: SHOPEN, Timothy. (ed.). **Language typology and syntactic description**, v. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

PAYNE, Thomas E. **Describing morphosyntax: a guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PEREIRA, Antônia Alves. **Estudo morfossintático do Asurini do Xingu**. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de Campinas, 2009. 341 p.

PRIA, Albano. Tipologia linguística: línguas analíticas e línguas sintéticas. **Revista SOLETRAS**, v. 6, n. 11, p. 112-121, jan./jun.2006.

RIBEIRO-SILVA, Nandra. **Pronomes em Parkatêjê: a expressão da terceira pessoa**. Dissertação de Mestrado. UFPA, 2016.

RODRIGUES, Aryon. Macro-Jê. In: DIXON, Robert M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (ed.) **Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

RODRIGUES, Angélica. “Eu peguei e saí”: uma construção nos limites da coordenação. Juiz de fora: **Veredas**, n.1 e n. 2, p. 29-40, 2004.

SANTOS, Ludoviko Carnasciali. **Descrição de aspectos morfossintáticos da língua Suyá (Kísêdjê) Família Jê**. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997. 186 p.

SEKI, Lucy. Evidências de relações genéticas na família Jê. SEMINÁRIOS DO GEL, 18, 1989. Lorena, 1989. **Anais** [...]. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aseki-1989-evidencias/seki_1989_evidencias.pdf. Acesso em: 17 de maio de 2017.

STOUT, Mickey; THOMSON, Ruth. Kayapó narrative. English. **International Journal of American Linguistics**, 1974. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1264517>. Acesso em: 9 de junho de 2017.

TANIGUCHI, Ai. **A distributed morphology approach to nominal coordination and verbal agreement in Swahili**. Distributed Morphology (Squib II), 2013.

THOMPSON, Sandra A.; LONGACRE, Robert E. Adverbial clauses. In: SHOPEN, Timothy (ed.). **Language typology and syntactic description: complex constructions**. v. 2. Cambridge: Cambridge University, 1985.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguística e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

VERMEULEN, Reiko. **Coordination in Japanese: a case of syntax-phonology mismatch**. London: University College, 2005.

WORTH, Dean Stoddard. **Kamchadal Texts Collected by W. Jochelson**. The Hague: Mouton, 1961.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

FERREIRA, Marília (Org.). Aspectos determinantes para a manutenção linguística de línguas minoritárias. In: **Descrição e ensino de línguas**, 2015.

FRANCISCO, Edson de Faria. **Língua Grega: aspectos históricos e características**. In: <http://www.mbpalavraviva.org/download/asphistgrega.pdf>. São Bernardo do Campo, 2010.

HAM, Patricia; WALLER, Helen; KOOPMAN, Linda. **Aspectos da Língua Apinayé**. Brasília: SIL, 1979.

MITHUN, Marianne. “*Switch-Reference*”: clause combining in Central Pomo. **International Journal of American Linguistics California**, v. 59, n. 2, 1993.

ANEXOS

ANEXO A - Termo de autorização para realização de pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, AKROIARERE P. TOPRÂMRE, cacique do povo indígena Parkatêjê, RG. n. 2319186, autorizo a Sra. Luciana Renata dos S. Vieira, RG n. 6116320, aluna do curso de Mestrado em Linguística da Universidade Federal do Pará, matrícula n. 201605870034, orientanda da Profa. Dra. Marília Ferreira, a realizar pesquisa na Aldeia Parkatêjê, bem como a fazer uso de informações, filmagens, gravações e fotografias em sua pesquisa de mestrado, e em publicações posteriores. Ressalto, todavia, que o material coletado pela referida senhora e o resultado de sua pesquisa deverão ser entregues à Comunidade Parkatêjê.

Aldeia Parkatêjê, 14 de Setembro de 2017.

Akroiare P. Topramre

ANEXO B - Caderno de Imagens



Aprendendo sobre o Parkatêjê com Xôntapti Totore (Raimundo) em abril de 2017.



Pronunciando os sons da língua Parkatêjê com o auxílio de Japênprãmti (Pedro) em abril de 2017.



Coleta de dados com Krowapejre (Manoel) em setembro de 2017.



Exposição de cartazes e de elementos da casa do castanheiro (à esquerda), na XI Amostra Cultural Parkatêjê realizada na Casa da Cultura de Marabá em abril de 2017.



Coletando pequenos textos com Nākôti (Tio Domingos) em abril de 2018.



Confirmando e tirando dúvidas sobre algumas construções coordenadas com a ajuda de Pojarêti (Madalena) em abril de 2018.



Na trilha da floresta, acompanhando Tutak e Japênprãmti durante a coleta de plantas medicinais.



Pôjarêtêti colhendo inhames na roça.